



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

FÁBIO ANTUNES

MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NO OESTE DE SANTA CATARINA

**CHAPECÓ
2023**

FÁBIO ANTUNES

MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NO OESTE DE SANTA CATARINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Humberto José da Rocha

Co-orientadora: Prof.^a Dra.^a Mônica Hass

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Antunes, Fábio

MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NO OESTE DE SANTA CATARINA
/ Fábio Antunes. -- 2023. 98 f.:il.

Orientador: Doutor Humberto José da Rocha

Co-orientadora: Doutora Mônica Hass

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -

Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2023.

1. Conservadorismo. 2. Movimentos Sociais Conservadores. 3. Oeste Catarinense. I. Rocha, Humberto José da, orient. II. Hass, Mônica, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Movimentos Sociais Conservadores no Oeste de Santa Catarina.

FÁBIO ANTUNES

MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NO OESTE CATARINENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



HUMBERTO JOSE DA ROCHA

Data: 21/12/2023 12:34:54-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Humberto José da Rocha – UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente



MONICA HASS

Data: 21/12/2023 16:19:55-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Monica Hass – UFFS
Co-orientadora

Documento assinado digitalmente



ALEXANDRE MAURICIO MATIELLO

Data: 19/12/2023 18:12:04-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Maurício Matiello – UFFS
Avaliador

Documento assinado digitalmente



CLAITON MARCIO DA SILVA

Data: 20/12/2023 22:42:26-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Claiton Marcio Silva - UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho com carinho a toda
minha família e amigos. Cada membro da
minha família e cada amigo representam
pilares de força e inspiração, tornando
esta conquista possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero aqui expressar o mais profundo agradecimento ao meu Deus, o criador do universo. É somente por sua graça que tive a incrível oportunidade de experimentar o milagre da vida e receber toda a força necessária ao longo dessa jornada.

Segundamente, quero estender meus agradecimentos a toda minha família, o meu primeiro grupo social. Foi através deles que recebi os primeiros ensinamentos sociais e vivenciei a socialização primária. Sua constante dedicação, amor e apoio foram fundamentais para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Gostaria também de expressar uma gratidão especial ao meu orientador, Prof. Dr. Humberto José da Rocha. Sua compreensão, apoio e amizade ao longo dessa pesquisa foram de imensa importância. Suas orientações e contribuições foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, quero estender minha gratidão à Universidade Federal Fronteira Sul e ao corpo docente do curso de Ciências Sociais. Expresso com sinceridade meu agradecimento por terem me proporcionado inúmeras vezes uma experiência acadêmica desafiadora, a qual impulsionou significativamente o meu crescimento. Os ensinamentos e exemplos compartilhados, orientações e desafios propostos contribuíram de maneira substancial para o amadurecimento dos meus estudos e para a intensificação da minha busca pelo conhecimento.

A todos vocês, expresso minha mais sincera gratidão. Sem a presença e a contribuição de cada um para o meu desenvolvimento, esta conquista não seria possível. Muito obrigado por fazerem parte significativa da minha jornada acadêmica e por contribuírem de maneiras diversas para o meu contínuo crescimento pessoal e profissional.

Considere novamente esse ponto. É aqui. É nosso lar. Somos nós. Nele, todos que você ama, todos que você conhece, todos de quem você já ouviu falar, todo ser humano que já existiu, que viveu sua vida. A totalidade de nossas alegrias e sofrimentos, milhares de religiões, ideologias e doutrinas econômicas, cada caçador e saqueador, cada herói e covarde, cada criador e destruidor da civilização, cada rei e plebeu, cada casal apaixonado, cada mãe e pai, cada criança esperançosa, inventores e exploradores, cada educador, cada político corrupto, cada “superstar”, cada “líder supremo”, cada santo e pecador na história da nossa espécie viveu ali, em um grão de poeira suspenso em um raio de sol.
(SAGAN, 1994, não paginado).

RESUMO

O presente estudo concentra-se na análise dos Movimentos Sociais Conservadores na região oeste de Santa Catarina, com foco no município de Chapecó-SC. O objetivo é compreender esses movimentos, explorando suas motivações subjacentes e identificando os princípios do conservadorismo presentes nos mesmos. O período investigado abrange os anos de 2013 a 2019. A mobilização desses grupos foi influenciada, em grande parte, pelas manifestações que eclodiram no Brasil a partir de 2013. Inicialmente desencadeadas por uma contestação ao aumento da tarifa de ônibus em São Paulo, essas manifestações evoluíram para um movimento mais amplo de protesto contra a corrupção governamental, estendendo-se à região oeste de Santa Catarina. O estudo utiliza uma metodologia baseada em procedimentos analíticos da pesquisa qualitativa, incluindo revisões literárias, análise de dados de redes sociais públicas, e a técnica de História Oral por meio de entrevistas com membros dos Movimentos Sociais Conservadores. O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro explora os conceitos fundamentais do Conservadorismo. O segundo focaliza os Movimentos Sociais, incluindo os conservadores, e sua trajetória no Brasil. O terceiro explora a formação histórica da região oeste catarinense e lança luz sobre movimentos sociais locais por meio dos relatos dos entrevistados. Esses relatos proporcionam uma melhor compreensão sobre as características, princípios e motivações dos Movimentos Sociais Conservadores do Oeste Catarinense.

Palavras-chave: Conservadorismo; Movimentos Sociais Conservadores; Oeste Catarinense.

ABSTRACT

The present study focuses on the analysis of Conservative Social Movements in the western region of Santa Catarina, focusing on the municipality of Chapecó-SC. The objective is to understand these movements, exploring their underlying motivations and identifying the principles of conservatism present in them. The period investigated covers the years 2013 to 2019. The mobilization of these groups was influenced, to a large extent, by the demonstrations that broke out in Brazil from 2013 onwards. Initially triggered by a protest against the increase in bus fares in São Paulo, these demonstrations evolved into a broader protest movement against government corruption, extending to the western region of Santa Catarina. The study uses a methodology based on analytical procedures of qualitative research, including literary reviews, analysis of data from public social networks, and the technique of Oral History through interviews with members of Conservative Social Movements. The work is structured into three chapters. The first explores the fundamental concepts of Conservatism. The second focuses on Social Movements, including conservative ones, and their trajectory in Brazil. The third explores the historical formation of the western region of Santa Catarina and sheds light on local social movements through the reports of those interviewed. These reports provide a better understanding of the characteristics, principles and motivations of the Conservative Social Movements in Western Santa Catarina.

Keywords: Conservatism; Conservative Social Movements; West Santa Catarina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Censo do IBGE (CHAPECÓ - 2022)	70
Figura 2 – Imagem Perfil Movimento Liberal Conservador (MLC)	73
Figura 3 – Imagem da página Coalizão Conservadora	73
Figura 4 – Imagem perfil M30	74
Figura 5 – Imagem Perfil G2C	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O CONSERVADORISMO.....	17
1.1 EDMUND BURKE: O PRECURSOR DO CONSERVADORISMO MODERNO.....	18
1.2 CARACTERÍSTICAS E PRINCÍPIOS DO CONSERVADORISMO.....	27
2. MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES.....	45
2.1 O QUE SÃO MOVIMENTOS SOCIAIS?.....	45
2.2 A ASCENSÃO E TRAJETÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NO BRASIL DEMOCRÁTICO.....	54
3. MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NA REGIÃO OESTE CATARINENSE.....	65
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE CHAPECÓ E REGIÃO E IDENTIFICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES LOCAIS.....	66
3.2 COMPREENSÃO E IDENTIFICAÇÃO DO CONSERVADORISMO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES DE CHAPECÓ E REGIÃO.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco os movimentos sociais do oeste catarinense, destacando os de orientação conservadora. Diferentemente da maioria dos trabalhos nessa temática, que são desenvolvidos sob a perspectiva progressista, o objetivo deste é explorar, compreender e analisar tanto o conservadorismo e seus intelectuais precursores, quanto alguns movimentos conservadores. Tais movimentos apresentaram um notável crescimento nos últimos anos no Brasil.

Mas afinal, o que é Conservadorismo? Esse é um dos primeiros questionamentos que surge quando se propõe a realizar um trabalho envolvendo esse tema. E para encontrar respostas a essa questão inicial, é imprescindível voltar às raízes desse pensamento e examinar os clássicos, entre os quais se destaca Edmund Burke (1729-1797), filósofo irlandês e político britânico, considerado por muitos como o pai do conservadorismo moderno. Sua obra *“Reflexões sobre a Revolução em França”* é uma referência basilar para o pensamento conservador e um ponto de partida essencial para todos aqueles que desejam compreender melhor essa corrente de pensamento.

Além de Edmund Burke, são exploradas também as obras de importantes pensadores do século XX em diante. Entre eles, destacam-se Roger Scruton (1944-2020), filósofo e escritor inglês, considerado por muitos como a segunda principal referência no pensamento conservador; Russell Kirk (1918-1994), filósofo político e historiador americano, cujas ideias são fundamentais para explicar os princípios do conservadorismo; João Pereira Coutinho (1976), historiador e cientista político português, o qual tece importantes reflexões sobre o tema; e Robert Nisbet (1913-1996), sociólogo americano, cujas análises também oferecem importantes contribuições sobre o conservadorismo.

Esses pensadores, cada um a sua maneira, influenciaram e buscaram explicar as bases do conservadorismo, e suas obras fornecem contribuições cruciais para o entendimento da essência dessa corrente de pensamento que tem desafiado e estimulado diversas discussões ao longo da história. Ao examinar as obras desses intelectuais, busca-se aprimorar a compreensão sobre a visão conservadora e suas implicações para os movimentos sociais que serão estudados neste trabalho.

Possuir uma base sólida e consistente de conhecimento sobre o conservadorismo é fundamental para identificar movimentos que possuem características dessa corrente de pensamento. Somente por meio de um estudo aprofundado sobre esse tema é possível afastar-se do senso comum. Pois é cada vez mais recorrente ver pessoas se autodeclarando conservadoras, enquanto outras utilizam o termo conservador de maneira pejorativa. Por isso, é crucial buscar um entendimento claro e embasado, para evitar equívocos e compreender as complexidades dessa perspectiva de pensamento.

Diante desse cenário, surge uma questão intrigante: será que tanto aqueles que se identificam como conservadores, quanto aqueles que o empregam em sentido depreciativo, realmente possuem um conhecimento suficiente sobre o conservadorismo? Essa indagação pode levar a uma reflexão, pois muitas das interpretações e debates que cercam esse assunto podem estar baseados no senso comum. Portanto, questionar essas visões e aprofundar o entendimento sobre o conservadorismo são passos importantes para uma análise mais precisa e esclarecedora sobre o assunto.

Por isso, este trabalho se propõe a aprofundar a compreensão dessa linha de pensamento, embasando-se em partes das obras dos pensadores mencionados anteriormente, que são referências fundamentais nesse campo. A partir dessas bases teóricas, procede-se a observações minuciosas, levantamento de dados e análise dos movimentos sociais conservadores.

A análise sobre esses movimentos, é elaborada sob uma perspectiva sociológica compreensiva. Segundo o Sociólogo Max Weber (2010), compreender uma ação é captar e interpretar sua conexão de sentido, e somente a ação com sentido pode ser compreendida pela sociologia. Ademais, é importante lembrar que, ao adotar essa perspectiva, deve-se evitar fazer julgamentos de valor sobre as ações humanas, como ressaltado por Weber.

Nesse contexto, são analisados os eventos, motivações e processos que levaram à formação e crescimento dos movimentos de orientação conservadora no oeste catarinense, com destaque para a cidade de Chapecó. As entrevistas semiestruturadas com participantes e ativistas desses movimentos fornecerão informações importantes para a compreensão das características e princípios do conservadorismo presentes nesses grupos. A análise desses dados permitirá

estabelecer conexões entre a teoria do conservadorismo e sua manifestação prática nos movimentos sociais.

Além disso, são abordados os meios de organização e mobilização dos movimentos, com ênfase na utilização das redes sociais, especialmente o *Facebook*, como instrumento essencial para a formação e articulação desses grupos. O papel das redes sociais na disseminação das ideias conservadoras e na criação de uma rede de apoio e engajamento é analisado para compreender sua contribuição para o crescimento e influência desses movimentos na sociedade contemporânea.

A justificativa para o desenvolvimento deste trabalho está fundamentada na necessidade de aprofundar o conhecimento sobre um tema de grande relevância e crescimento nos últimos anos no Brasil: os movimentos sociais conservadores. Pois, o cientista social deve estar atento, observando e analisando os acontecimentos em sociedade, especialmente aquela na qual ele está inserido e convive diariamente.

A compreensão do conservadorismo é de fundamental importância para o entendimento das dinâmicas políticas e sociais contemporâneas. Com o crescimento desses movimentos no país, torna-se crucial investigar suas origens, motivações e características. Através desta pesquisa, será possível identificar os princípios e valores que norteiam esses grupos e entender como eles se manifestam nas ações e discursos dos seus participantes.

Outra justificativa para este trabalho reside na necessidade de superar visões simplistas ou preconceituosas sobre o conservadorismo. Como mencionado anteriormente, muitas vezes, esse termo é utilizado de forma pejorativa ou estereotipada, sem um entendimento aprofundado de suas bases teóricas e práticas. Ao perscrutar e analisar os grupos conservadores, busca-se contribuir para um debate mais bem informado e embasado sobre essa corrente de pensamento e suas manifestações na sociedade.

Com efeito, torna-se evidente a necessidade de desenvolver trabalhos na área das Ciências Sociais que se dediquem ao estudo e compreensão do conservadorismo e dos movimentos de orientação conservadora. Até o momento, observa-se uma lacuna nesse campo de pesquisa no curso de Ciências Sociais da UFFS, uma vez que são poucos os estudos que abordam e debatem esse tema com base nos autores clássicos do pensamento conservador.

Com isso, espera-se também que o presente estudo não apenas preencha parte de uma lacuna na pesquisa acadêmica do curso de Ciências Sociais da UFFS,

mas também contribua para a formação de uma visão mais completa e informada sobre o conservadorismo e sua influência na sociedade. Pois, a relevância desse tema se estende além da universidade, alcançando um amplo espectro da população que busca entender e refletir sobre os rumos políticos e sociais do país.

Sendo assim, o desenvolvimento desta pesquisa apresenta uma abordagem teórica e empírica, buscando unir o conhecimento das obras clássicas do conservadorismo com uma análise concreta dos movimentos sociais conservadores. Nesse contexto, o recorte geográfico escolhido para a pesquisa é o município de Chapecó, localizado na região oeste do Estado de Santa Catarina.

A escolha de concentrar a análise nessa região específica justifica-se pelas diversas manifestações e mobilizações ocorridas nos últimos anos envolvendo movimentos sociais conservadores em Chapecó. Tais movimentos têm exercido uma influência e impacto significativos em toda a região oeste catarinense, tornando-se um ponto de partida relevante para a compreensão desse fenômeno social.

Além disso, a facilidade de acesso aos participantes e ativistas desses movimentos foi outro fator determinante na escolha do município como foco da pesquisa. Pois, o autor deste trabalho reside na cidade de Chapecó, o que permitiu um contato direto e mais próximo com os integrantes desses grupos, facilitando assim a realização das entrevistas e levantamento de informações relevantes para a análise.

O objetivo geral deste trabalho é conhecer a teoria do conservadorismo e analisar sua aplicação prática nos movimentos sociais abordados. Tal objetivo tem como intuito proporcionar uma compreensão abrangente das raízes teóricas do conservadorismo e verificar como esses princípios se manifestam nesses movimentos sociais.

Já os objetivos específicos incluem: a) Descrever os fundamentos e características do conservadorismo, estabelecendo uma base teórica sólida para a análise subsequente dos movimentos sociais em questão; b) Compreender os movimentos sociais conservadores no município de Chapecó, explorando suas manifestações. Isso proporcionará uma visão contextualizada sobre os elementos que os compõem; c) Analisar as entrevistas com participantes e ativistas desses movimentos, visando identificar suas características e princípios fundamentais, e avaliar se essas estão alinhadas ao conservadorismo. Esta análise permitirá uma

compreensão sobre as convicções e valores dos envolvidos, relacionando-os ao contexto teórico do conservadorismo.

Foram selecionados sete participantes dos grupos conservadores para entrevista, os quais foram escolhidos com base nos seguintes critérios: ser integrante e apoiador de algum dos movimentos e grupos estudados; ser reconhecido no âmbito dos movimentos conservadores do oeste de Santa Catarina; e estar apto e disposto a conceder a entrevista.

O trabalho está estruturado em três capítulos, nos quais são abordados os fundamentos e aspectos específicos do conservadorismo e dos movimentos sociais de cunho conservador analisados nesta pesquisa.

O primeiro se concentra na essência do conservadorismo, fornecendo uma visão sobre a origem e as bases dessa linha de pensamento. São abordados os fundamentos teóricos e as contribuições de notáveis pensadores com destaque especial para Edmund Burke, considerado o pai do conservadorismo moderno. Além disso, são apresentadas as principais características e princípios do conservadorismo, valendo-se das obras de Russell Kirk, Roger Scruton e João Pereira Coutinho, que oferecem muitas informações importantes para a compreensão dessa filosofia política.

No segundo, explora-se o conceito de movimentos sociais, embasado na obra “Teoria dos Movimentos Sociais”, de Maria da Glória Gohn (1997). A partir desse embasamento, o estudo traça o contexto de ascensão dos movimentos sociais conservadores no Brasil, destacando principalmente o ano de 2013 como um marco significativo para o crescimento e a consolidação desses movimentos no país. Posteriormente, são analisados os eventos e fatores que impulsionaram o crescimento desses movimentos, bem como sua influência na sociedade brasileira.

O terceiro e último capítulo se dedica à análise dos grupos conservadores presentes na região oeste catarinense, com especial atenção à cidade de Chapecó. Inicialmente, realiza-se uma contextualização histórica e social dessa localidade, destacando eventos e processos que contribuíram para a formação dessa região. Em seguida, são identificados e descritos alguns dos grupos que compõem os movimentos sociais conservadores em Chapecó, além de analisar como esses se apresentam nas redes sociais. Por fim, é conduzida uma discussão temática, utilizando fragmentos das entrevistas. O objetivo é compreender as perspectivas e motivações dos integrantes dos movimentos sociais conservadores. Dessa forma,

busca-se identificar aspectos e características do conservadorismo presentes nesses movimentos. Essa análise contribui significativamente para o alcance dos objetivos propostos neste trabalho.

1. O CONSERVADORISMO

O conservadorismo, de acordo com Alves (2019), é uma corrente de pensamento que se manifesta como uma disposição natural e pré-política de resguardar valores e instituições essenciais para a sociedade e a civilização. Tal disposição, como é classificado o conservadorismo por Oakeshott (2020), surge como uma reação aos extremos ideológicos, representados tanto pelo progressismo revolucionário quanto pelo pensamento reacionário, os quais buscariam impor uma ordem artificial e utópica sobre a realidade.

Comparado a uma grande árvore cuja as raízes são muito maiores que o caule e os galhos, com fundamentos sólidos, o pensamento conservador se apoia na lei natural, uma moral universal que transcende as convenções humanas, e na lei do tempo, que é moldada pela experiência histórica, influenciando os costumes e as instituições. Consequentemente, o conservadorismo mantém um ceticismo em relação a projetos políticos que almejam construir um paraíso terreno por meio da razão e de teorias abstratas, em vez disso, valoriza a prudência, a moderação e a reforma gradual como abordagens mais realistas e responsáveis (ALVES, 2019).

Segundo Viereck *et al.* (2023), as origens do conservadorismo remontam a uma reação à Revolução Francesa de 1789, que foi percebida pelos conservadores como uma tentativa violenta e destrutiva de remodelar radicalmente a sociedade e a política. E nesse contexto, o papel de Edmund Burke é destacado como o fundador do conservadorismo moderno, tendo lançado as bases dessa perspectiva.

De acordo com Eldridge (2023), foi nesse período da Revolução Francesa (1789) que surgiu o eixo político esquerda/direita, quando a Assembleia Nacional francesa se reuniu em Versalhes. Durante essa reunião, os legisladores que defendiam os princípios revolucionários posicionaram-se na parte esquerda da assembleia, enquanto aqueles que apoiavam a monarquia e a tradição ficaram à direita na mesma sala. Essa divisão posteriormente se tornou emblemática, associando a esquerda aos valores revolucionários, e a direita aos valores tradicionalistas. Além disso, Eldridge (2023) enfatiza também que, observações feitas por pesquisadores sugerem que essa distinção pode estar enraizada em tendências culturais mais amplas, onde a direita é comumente relacionada a

atributos de força e estabilidade, enquanto a esquerda está ligada a traços de desequilíbrio ou desordem.

Segundo Alves (2019), o conservadorismo seria inerentemente a uma disposição interna e natural que, em sua essência, apenas de maneira reativa e secundária, adquire uma dimensão política. Assim, mesmo que o conservadorismo possa ser associado a partidos políticos e literatura sobre política, sua essência permanece desarticulada e despreocupada com a participação em sistemas políticos rígidos e estruturados. O ativismo político conservador emerge somente a partir de algumas de suas características fundamentais: a defesa de valores naturais, históricos e a salvaguarda da civilização contra supostas ameaças de natureza revolucionária ou reacionária.

Por fim, Alves (2019), enfatiza que o conservadorismo não se configura como uma ideologia ou sistema fechado, mas como uma disposição aberta e flexível, capaz de se adaptar às circunstâncias e tradições de cada povo. Essa flexibilidade torna o pensamento conservador uma abordagem política diversificada, que se manifesta de diferentes formas em diferentes contextos.

A seguir, discute-se o conservadorismo em duas etapas: a influência e contribuições de Edmund Burke, considerado o precursor do conservadorismo moderno; e as características e princípios que se destacam nessa corrente de pensamento, tendo principalmente como base as obras de Russell Kirk e Roger Scruton.

1.1 EDMUND BURKE: O PRECURSOR DO CONSERVADORISMO MODERNO

Para compreender as bases e o surgimento do conservadorismo, é essencial o aprofundamento em suas raízes e nos estudos de seus principais teóricos. Uma pesquisa mais detalhada sobre esse tema, inevitavelmente trará à tona o nome de Edmund Burke (1729-1797), reconhecido por muitos estudiosos como o pai do conservadorismo moderno e uma das primeiras grandes referências teóricas dessa corrente de pensamento.

Apesar de haverem vários pensadores anteriores a Burke que são considerados de “forte inclinação conservadora, o verdadeiro marco inicial para o

surgimento do conservadorismo são os escritos e a atuação parlamentar de Edmund Burke” (KIRK, 2020, p. 28).

Burke é o ponto de partida, pois a palavra “conservador” não fazia parte do vocabulário e da política, até os admiradores franceses daquele estadista irlandês adaptarem a palavra para descrever os princípios dos homens que desejavam acrescentar, ao que havia de melhor na antiga ordem europeia, aquelas melhorias saudáveis e necessárias que poderiam preservar a continuidade da civilização. Sem os discursos de panfletos de Burke e, especialmente, sem o eloquente *Reflexões Sobre a Revolução na França*, pessoas de inclinações conservadoras ficariam intelectualmente empobrecidas (KIRK, 2020, p. 29).

Muller (2019) também estabelece Edmund Burke como o ponto de partida para o que se entende como conservadorismo moderno. Segundo ele, grandes pensadores do passado, a exemplo de Aristóteles, já haviam abordado tópicos que tangem à moralidade, à tradição e à preservação, premissas que se alinham ao conservadorismo que se conhece hoje. Aristóteles defendia que a política e a moralidade não demandam peritos especializados, como ocorre nas ciências naturais, mas, sim, são dominadas pelo conhecimento que a experiência humana acumula ao longo de várias gerações. Porém, é importante destacar que a definição do conservadorismo como uma filosofia política específica e estruturada é um produto da era moderna. Portanto, o surgimento do conservadorismo como uma corrente de pensamento notável é geralmente visto como um marco do chamado período moderno.

De acordo com Kirk (2020), Edmund Burke é considerado o pai do conservadorismo, não necessariamente porque foi o primeiro a expressar ideias conservadoras, mas sim por ter articulado essas ideias de maneira a criar uma corrente de pensamento abrangente que sobreviveu ao teste do tempo. Embora existam alguns precursores e influências importantes, como Aristóteles, Richard Hooker, David Hume, Joseph de Maistre e Louis De Bonald, que expuseram ideias consideradas conservadoras, é Burke que se destaca por suas contribuições distintas e pela clareza com que articulou o pensamento conservador. A sua obra *Reflexões sobre a Revolução em França* (1790) se tornou uma espécie de tratado fundacional do conservadorismo. Nela, Burke formulou suas críticas à Revolução Francesa com base em um respeito profundo pela tradição, pela ordem social e pela continuidade entre gerações. Por isso, mesmo que outros tenham expressado

pensamentos considerados conservadores antes dele, é a influência duradoura de Burke que o destaca como o fundador primordial do conservadorismo moderno.

Edmund Burke nasceu em 12 de janeiro de 1729 em Dublin, na Irlanda, e faleceu em 9 de julho de 1797 na cidade de Beaconsfield, no Reino Unido. Durante o percurso de sua vida, Burke tornou-se um importante escritor, filósofo, grande orador e político britânico (BRITANNICA, 2003). Iniciou sua atuação política no Parlamento britânico a partir do ano de 1766 pelo partido *Whigs*, um partido de tendências liberais, o qual era opositor ao *Tory*, partido de tendências conservadoras. Entretanto, vale ressaltar que nesse período, não havia uma estrutura de conservadorismo e liberalismo tão evidente como nos dias atuais, mas havia grupos partidários precursores dessas tendências (BURKE, 1982).

Mas ao longo de sua trajetória política, conforme observado por Parkin (2023), Edmund Burke adotou uma abordagem representativa que atraía tanto liberais quanto conservadores. Ele advogou pelas demandas de livre comércio levantadas pelas colônias americanas, opôs-se à perseguição dos católicos e enfatizou a essencialidade da prudência e moderação. Burke condenou abertamente as injustiças perpetradas na Índia pela administração inglesa, além de defender a Irlanda, esforçando-se para eliminar as restrições impostas ao seu comércio. Só posteriormente, a postura de Burke passou a ser vista como mais conservadora.

A Revolução Francesa ocorrida no final do século XVIII é, indubitavelmente, um divisor de águas na consolidação do conservadorismo. Foi durante esse período turbulento que Edmund Burke produziu suas reflexões críticas sobre o evento, consolidadas em sua renomada obra, *“Reflexões sobre a Revolução na França”* publicada em novembro de 1790 após Edmund Burke romper com os *Whigs* de Charles James Fox” (KIRK, 2020, p. 106). Este seu trabalho é visto por muitos estudiosos e adeptos do conservadorismo ao redor do mundo como a peça fundamental do conservadorismo moderno britânico. A importância de Burke não reside apenas na crítica que ele faz à Revolução Francesa, mas também na exposição de princípios essenciais que compõem esta corrente de pensamento, princípios estes que serão discutidos ao longo deste estudo.

As *Reflexões sobre a Revolução na França* é uma obra que toma a forma de uma longa carta, em que Burke (2019) escreve como resposta a um jovem amigo francês, chamado Charles-Jean-François Depont, o qual pede a opinião de Edmund Burke sobre os acontecimentos da revolução na França. Ainda que seja

apresentado como uma correspondência, o trabalho não é um “compilado de cartas”. Em vez disso, é um único texto contínuo, no formato de uma extensa carta, um tipo de tratado político escrito na forma de um longo panfleto. Este formato permitiu a Burke expor suas ideias sobre a Revolução Francesa de maneira mais pessoal e conversacional.

Na introdução do livro *“Reflexões Sobre a Revolução em França”* da edição de 1982, o escritor e historiador Conor Cruise O'Brien examina de perto a obra de Burke, esclarecendo como este último concebia a sociedade: “não somente como uma parceria entre os vivos, mas também entre os vivos, os mortos e aqueles que haverão de nascer” (O'BRIEN, 1982, p. 19). O'Brien delineia tanto os elogios quanto as críticas à obra de Burke, e esclarece como, nos primeiros anos da Revolução, a postura fervorosamente antirrevolucionária de Burke e suas ásperas críticas à Revolução Francesa levaram ao distanciamento de seus aliados políticos e ao aumento de sua impopularidade. Sua abordagem não se limitava apenas à crítica, mas também adotava um tom quase profético em relação ao futuro da sociedade francesa. No entanto, “o que salvou sua reputação foi o progresso da Revolução em direção àquilo que ele previu” (O'BRIEN, 1982, p. 9).

Ao estudar sobre essa clássica obra, torna-se evidente os motivos que provocaram o contundente repúdio de Burke às concepções revolucionárias francesas. A sua principal e primeira apreensão emergia da necessidade de preservar a paz em sua própria nação em face da Revolução que se desenrolava em território vizinho. Burke demonstrou claramente sua postura de prudência ao afirmar: “Quando a casa de nosso vizinho pega fogo, é recomendável que tomemos precauções para proteger a nossa. É melhor ser desdenhado por excesso de precaução, do que se ver arruinado por excesso de confiança” (BURKE, 2019, p.32).

Como é a paz de meu país que está no centro de minhas preocupações, se bem que a situação do seu não me deixe insensível, desejo assegurar um pouco mais de publicidade àquilo que inicialmente foi escrito para sua satisfação pessoal. Não deixarei, pois, de considerar os negócios franceses e continuarei a me dirigir ao Senhor. Perdoe-me se, usando o estilo epistolar, deixar meus pensamentos e sentimentos se exprimirem tal como surgem em minha mente, prestando muito pouca atenção ao método formal. Começo me ocupando das deliberações da Sociedade da Revolução, mas não me limitarei a elas. Como poderia fazê-lo? Parece que me encontro diante de uma grande crise não apenas francesa, mas europeia, e, talvez, mais que europeia (BURKE, 2019, p.32).

Burke (2019) conduz uma análise detalhada da Revolução Francesa, retratando-a como um acontecimento destruidor que aniquilou várias instituições essenciais da sociedade francesa. Em meio à enxurrada de aplausos que a Revolução Francesa recebia de divergentes britânicos de seu tempo, inclusive de figuras políticas de destaque como Charles Fox e o então Primeiro-Ministro britânico William Pitt, Burke escolheu nadar contra a corrente, com seu discurso assertivamente crítico.

Desde que a Casa [Câmara dos Comuns] entrara em recesso no último verão, muito trabalho foi feito na França. Os franceses mostraram-se ao mundo como os mais hábeis arquitetos da ruína que já existiram. Naquele exíguo espaço de tempo, eles deitaram completamente por terra sua monarquia; sua igreja; sua nobreza; sua lei; sua receita pública; seu exército; sua marinha; seu comércio; suas artes; e suas manufaturas (BURKE *apud* SOARES, 2019, p. 13)

A postura de Burke atraiu críticas, particularmente do político britânico Thomas Paine, que o acusava de uma preocupação exagerada com uma revolução ocorrendo fora das fronteiras de sua própria nação. Paine argumentava que um evento tão distante não deveria perturbar Burke de maneira tão direta.

Em resposta à censura de Paine, Burke (2019) enfatizou sua inquietação com as eventuais repercussões da Revolução Francesa no solo britânico. Assumindo uma postura preventiva, Burke esforçava-se para proteger seus compatriotas do contágio revolucionário que assolava a França. Ele temia que o apetite por derramamento de sangue e a rejeição ao conservadorismo cruzassem o Canal da Mancha, ameaçando as conquistas duramente obtidas ao longo da história britânica, e, por consequência, diminuindo o valor da “Revolução Gloriosa britânica”¹.

Além dessa postura preventiva, Burke (2019) faz menção a Revolução Gloriosa (1688-1689) como uma contrapartida à Revolução Francesa, onde reitera que, durante o período da Revolução Gloriosa, a intenção não era de romper com o passado, mas sim valorizar e preservar a herança recebida dos antepassados. “Na época da Revolução, como na atual, o que desejávamos era derivar tudo o que temos como uma herança de nossos antepassados” (BURKE, 2019, p. 54). O

¹ A Revolução Gloriosa, também conhecida como Segunda Revolução Inglesa, foi um movimento revolucionário de caráter pacífico que ocorreu na Inglaterra entre os anos de 1688 e 1689. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/historia/revolucao_gloriosa.htm. Acesso em 19 dez. 2023.

filósofo britânico assegurava que foram tomadas medidas para evitar a adição de elementos estranhos a essa linhagem ancestral. Defendendo essa visão, Burke (2019) argumentava ainda que todas as reformas realizadas até então foram feitas respeitando o passado e expressa sua convicção de que as futuras reformas deverão seguir esse mesmo princípio, baseando-se em precedentes, autoridade e exemplos análogos.

A análise de Edmund Burke acerca das revoluções em diferentes contextos históricos e geográficos revela seu pensamento acerca dos resultados destas transformações radicais. Burke (2019) identifica notáveis distinções entre as revoluções Gloriosa e norte-americana de 1776, por um lado, e a Revolução Francesa de 1789, por outro. As primeiras, segundo Burke, possuíam um caráter mais delimitado e político-constitucional, adequando-se às circunstâncias existentes e mantendo os princípios de jurisprudência da *common law*.² O filósofo aponta que essas revoluções introduziram medidas de prudência no sistema de governo, criando pesos e contrapesos ao poder central, mas sem prejudicar a soberania. “Os americanos de 1775/76 e os rebeldes ingleses de 1688 defendiam os mesmos princípios e lutavam pela manutenção do espírito de uma política, não pela destruição do Estado” (KRITSCH, 2011, p. 72).

Por outro lado, a Revolução Francesa de 1789 era vista por Burke (2019) como um movimento muito mais radical e abrangente. Sua argumentação era de que esta revolução não apenas destruiu os vestígios da antiga Constituição francesa, mas também corroeu os valores e sentimentos cristãos e aristocráticos tradicionais. Em seu lugar, surgiu uma filosofia nova e niveladora da sociedade. Burke então percebe a Revolução Francesa como uma revolução não apenas política, mas também dos sentimentos, costumes e opiniões morais.

Ao condenar fervorosamente a Revolução Francesa, Burke (2019) dedica-se à preservação da Constituição Britânica, que parecia ameaçada por aqueles que, encantados com a utopia de moldar uma “sociedade perfeita”, descartavam todo legado clássico, histórico e tradicional. Como parlamentar britânico, ele buscava blindar seu país contra os que acendiam o fervor de uma legião de radicais, indivíduos dispostos a romper completamente com o passado e edificar uma

² [...] common-law (direito consuetudinário) (BURKE, 2019, p. 292).

sociedade a partir do zero, ainda que isso custasse um derramamento de sangue desmedido.

Segundo Scruton (2015), quando Burke aborda esse assunto, ele também comenta a questão da sociedade como um contrato da visão de Rousseau, como foi proposto pelos revolucionários. Entretanto, Burke argumenta que isso só seria possível se neste contrato estivessem incluídos não apenas os vivos, mas também os mortos, e os que ainda não nasceram. E de acordo com Scruton, existe ainda uma razão e um argumento lógico para incluir os mortos e os seus desejos, pois “desde o início dos tempos, foi o respeito pelos mortos que formou a base das instituições, escolas, universidades, hospitais, orfanatos, clubes, bibliotecas, igrejas e institutos” (SCRUTON, 2015, p. 110).

A visão de Burke fundamentava-se na crença de que a criação de novas estruturas de governo, desprovidas de testes e baseadas unicamente em teorias abstratas da razão, era extremamente arriscada. Para ele, uma mudança radical sustentada apenas nessas teorias seria impraticável e até imoral, correndo o risco de levar a sociedade ao colapso. Burke considerava a política como uma ciência empírica, na qual as decisões deveriam ser embasadas nas experiências e tradições acumuladas ao longo do tempo (BURKE, 2019).

Com base nessa perspectiva, torna-se imperativo sublinhar a visão de Burke acerca da estrutura social e sua configuração. De acordo com seu entendimento, a sociedade é uma comunidade intrinsecamente conectada com o passado, o presente e o futuro. Em outras palavras, para Burke (2019), a sociedade é uma comunidade de almas interdependentes, compreendendo os que já passaram, os que vivem no momento presente, e os que ainda estão por vir. Esta concepção, além de ilustrar a complexidade da sociedade, nos serve como ponto de partida para a compreensão do conservadorismo.

A sociedade é, certamente, um contrato. Contratos de natureza inferior que recaem sobre objetos de mero interesse ocasional podem ser desfeitos à vontade; mas o Estado não deveria ser considerado em pé de igualdade com um acordo de parceria em um comércio da pimenta, do café, do algodão, do tabaco ou em qualquer outro negócio inferior dessa espécie, uma sociedade instituída para a satisfação de um interesse temporário e dissolvida de acordo com o desejo das partes? Certamente que não. Deve ser encarado com outra reverência, porque não se trata de uma parceria em coisas inferiores apenas para satisfação da grosseira existência animal de uma natureza efêmera e perecível. O Estado é uma associação que participa de todas as ciências, todas as artes, todas as virtudes e todas as

perfeições. Como os fins desta associação não podem ser obtidos em muitas gerações, torna-se uma parceria não só entre os vivos, mas também entre os mortos e os que hão de nascer. Cada contrato de cada Estado particular é apenas uma cláusula no grande contrato primitivo da sociedade eterna, que liga as naturezas inferiores às superiores, conectando o mundo visível ao invisível, de acordo com um pacto fixo sancionado pelo inviolável juramento que mantém todas as naturezas morais e físicas em seus respectivos lugares (BURKE, 2019, p. 122).

Em suas críticas aos revolucionários franceses, Burke (2019) enfatiza a visão da sociedade como algo muito além de um simples contrato efêmero ou de interesses momentâneos, que possa ser facilmente dissolvido. Em vez disso, a sociedade, em sua concepção, é um acordo muito mais significativo e permanente, que vai além das parcerias comerciais ou de interesses individuais temporários. Para esse filósofo, a sociedade é vista como algo sagrado e duradouro, e não deve ser comparada a negócios de natureza transitória, mas sim tratada com o devido respeito e reverência. Esta visão decorre de sua discordância veemente com a proposta dos revolucionários franceses de um rompimento absoluto com o passado e a formação de uma sociedade completamente nova e fundamentada, segundo ele, em premissas teóricas abstratas, alegadamente racionais.

De acordo com essa abordagem, Burke (2019) atenta para a necessidade de coibir aqueles que, embora detenham poder temporário, se comportam como mestres absolutos com a prerrogativa de interromper ou dilapidar a herança da sociedade, desmantelando instituições que foram meticulosamente erigidas ao longo do tempo. Com base nisso, ele adverte sobre os perigos potenciais dessa mentalidade que favorece a mudança constante e caótica do Estado, impulsionada pelos caprichos e tendências da época, e ressalta, para que esses:

não pensem que entre os seus direitos estejam o de interromper ou dilapidar a herança, destruindo, a seu bel-prazer, todo o edifício original de sua sociedade, arriscando deixar para os que vierem depois deles nada além de ruínas no lugar de uma habitação – e ensinando esses sucessores a ter por suas obras um respeito tão grande quanto o que eles tiveram em relação às instituições de seus antepassados. Com essa facilidade desordenada de mudar o Estado tão frequentemente e de tantas maneiras quanto os caprichos ou os modismos passam, toda a corrente e a continuidade da nação se romperiam. Nenhuma geração poderia ligar-se à outra e os homens valeriam pouco mais do que moscas de verão (BURKE, 2019, p. 120).

Segundo Burke, os revolucionários franceses tentaram, de maneira antinatural, apagar a história e reconfigurar a sociedade como se estivessem rearranjando moléculas. Por essa razão, ele argumentava que a Revolução Francesa era fundamentalmente diferente das revoluções inglesa e americana, conforme também mencionado por Kritsch (2011). A crítica de Burke centra-se na premissa de reconstruir a sociedade a partir de um plano, como se o passado fosse algo descartável. Essa crítica resume, essencialmente, a condenação de Burke ao racionalismo político, ou seja, a ideia de uma reflexão política separada da compreensão das paixões e dos valores dominantes em cada povo.

Ao olhar para as convicções filosóficas dos revolucionários, é evidente que Burke (2019) via uma preocupante tendência ao reducionismo da razão abstrata. Ele notava que, impulsionados por um fervor quase obsessivo por destruição, esses atores eram levados a dismantelar estruturas existentes, sejam elas do poder civil ou eclesiástico. Nesse ímpeto, os revolucionários não só estavam ignorando, mas também ativamente rejeitando, a importância de emoções humanas e valores tradicionais na formação das decisões políticas (BURKE, 2019, p.82).

Essa visão limitada na razão abstrata, argumentava Burke (2019), estava criando um abismo entre a teoria e a prática. Segundo ele, a razão, por mais poderosa que seja, não é um guia suficiente para conduzir os assuntos da sociedade. As emoções humanas e os valores tradicionais construídos e moldados ao longo de séculos de experiências coletivas, também devem ter um lugar na mesa de decisões políticas. Ignorar tais aspectos, ele advertia, poderia levar a consequências desastrosas, como exemplificado pela Revolução Francesa, onde um projeto filosófico estritamente fundamentado na racionalidade estava eclipsando o respeito pelos valores tradicionais.

Garmatz (2019) amplia essa visão ao posicionar Burke dentro do espectro mais amplo do Iluminismo. Segundo Garmatz, Burke não rejeitava o Iluminismo *per se*, mas sim a vertente francesa que se fundamentava unicamente na razão para tomar decisões, praticando atos de ódio em nome do amor à humanidade. Para ele, essa abordagem sangrenta e mortífera do Iluminismo, tão bem representada pelos revolucionários, contrastava com a versão britânica, que Burke preferia, a qual dava valor aos preceitos morais, à benevolência e à bondade. Nesse sentido, enfatiza Garmatz, o argumento de Burke contra a adoração cega à razão pura, pode ser visto

como uma crítica à corrente francesa do Iluminismo que, em seu zelo por uma racionalidade estrita, perdeu a essência da humanidade.

Mas é importante ressaltar que, embora Burke tenha sido um crítico ferrenho das transformações abruptas e destrutivas da Revolução Francesa, ele não se opunha às mudanças em si. Burke acreditava no progresso gradual e prudente, assentado em um equilíbrio delicado entre a preservação do que é valioso e a correção do que é deficiente. Conforme elucidado por Kritsch, “para Burke, não destruir não significa não mudar. Um Estado só se mantém pela conjugação de dois princípios, o da conservação e o da correção” (KRITSCH, 2011, p. 72). A mudança positiva, portanto, é vista por Burke como sinônimo de correção. Romper abruptamente com a continuidade histórica, segundo ele, é sempre um empreendimento perigoso.

E mesmo Edmund Burke, sendo considerado o precursor do conservadorismo moderno, não surgiu em um vácuo teórico. Coutinho (2014) afirma que sua influência e suas ideias estavam firmemente arraigadas em uma tradição de pensamento conservador que remonta a figuras históricas como Aristóteles, Cícero e Tomás de Aquino. Segundo Coutinho, esses pensadores antigos deixaram vestígios de uma mentalidade conservadora, embora não articulada como tal, que permeou a filosofia e a política muito antes da época de Burke. Assim, explica Coutinho (2014), ao considerar Burke como um dos pais fundadores do conservadorismo moderno, deve-se também reconhecer que ele fazia parte de uma linhagem de pensadores conservadores que se estende desde Richard Hooker no século XVI até Michael Oakeshott e Russell Kirk no século XX, e que continua a ter relevância até o século XXI com figuras como Roger Scruton e John Kekes. Portanto, Burke é tanto um produto quanto um contribuinte para a tradição conservadora, um elo na cadeia de pensamento que moldou o conservadorismo tal como a conhecemos hoje.

1.2 CARACTERÍSTICAS E PRINCÍPIOS DO CONSERVADORISMO

A contribuição de Edmund Burke para o conservadorismo, como observado anteriormente, é de suma importância por traçar o caminho para uma compreensão mais profunda das principais características dessa corrente de pensamento. Após o

entendimento do papel desse filósofo e político britânico como um elemento fundamental na construção do pensamento conservador, é vital a compreensão das bases que sustentam essa tradição conservadora.

Ao longo deste subcapítulo serão apresentadas diversas contribuições de autores renomados que enriquecerão o estudo sobre o tema. Inicialmente, é importante destacar duas figuras proeminentes na tradição conservadora: Russell Kirk (1918-1994) e Roger Scruton (1944-2020), ambos renomados pensadores e escritores. De acordo com o Portal Conservador (2023), Kirk é visto como o fundador do movimento conservador americano, tendo uma extensa obra literária. Dentre seus trabalhos, vale a pena citar ao menos três: *“Edmund Burke: Redescoberto um Gênio”* (1967), *“A Política da Prudência”* (1993), e *“A Mentalidade Conservadora”* (*The Conservative Mind*), publicado em 1953. Este último, em particular, é conhecido por ser seu livro mais célebre e influente, tendo notável relevância para conservadores ao redor do mundo e servirá como uma das referências para nossa análise.

Russell Kirk, foi um renomado intelectual americano do século XX, ostentou notáveis realizações em sua vida acadêmica e profissional. Com um Ph.D. em Letras adquirido na Universidade de Saint Andrews, na Escócia, ele também se destacou como um influente historiador. Kirk fundou e desempenhou a função de editor em revistas conceituadas como *Modern Age* e *The University Bookman*, além de ter suas colunas publicadas em diversos jornais americanos. Ainda em sua carreira, Kirk foi agraciado com doze doutorados *honoris causa* e tem o notável feito de ser o único intelectual a receber a *Presidential Citizen’s Medal for Distinguished Service to the United States*. Seu legado literário compreende 29 obras publicadas (KIRK, 2023).

Em sua obra, *“Breve Manual de Conservadorismo”* (2021), Russell Kirk expande as ideias centrais que são exploradas em *“A Mentalidade Conservadora”* (2020), trazendo à luz a essência da tradição conservadora. Ele navega por temas cruciais, como o indivíduo, governo, comunidade, família, propriedade, religião e educação, elementos que ele considera como fundamentais para a compreensão do conservadorismo. Edmund Burke é um pilar significativo no pensamento de Kirk, e isso fica evidente em sua concordância com a perspectiva de Burke sobre a sociedade.

Para Kirk, o conservadorismo está baseado, em último caso, na ampla visão de Edmund Burke de “contrato da sociedade eterna”, entrelaçando os que já se foram, os que ainda vivem e os que estão por nascer em uma misteriosa tríade de alegrias, deveres e memórias compartilhadas (McCLAY, 2021, p. 8)

Já Roger Scruton em seu livro *“O Que é Conservadorismo”* (2015), ressalta uma percepção compartilhada pelo Professor João Carlos Espada que é coerente com a visão de Burke, ao declarar que “ele reconhece que todo o modo de vida é um diálogo entre passado, presente e futuro, estando, por isso, sujeito a permanentes adaptações” (SCRUTON, 2015, p. 17). O termo “passado” aqui, se refere às instituições estabelecidas, experiências já testadas, aos ancestrais e ao respeito devido a eles.

Scruton apresenta também uma fonte significativa de perspectivas para aprofundar a compreensão sobre o pensamento conservador. Nascido em 27 de fevereiro de 1944 em Lincolnshire, Inglaterra, Roger Scruton se destacou como um filósofo, escritor e intelectual britânico de renome. Muitos o consideram o mais relevante pensador conservador britânico depois de Edmund Burke. Além disso, ele exibiu uma multiplicidade de talentos, atuando como compositor de óperas, crítico cultural e autor de uma vasta obra literária que inclui mais de 50 livros. Scruton encerrou sua jornada terrena aos 75 anos, no dia 12 de janeiro de 2020, em Brinkworth, no Reino Unido (SCRUTON, 2023).

É possível perceber que, entre os três principais pensadores citados, há uma convergência de pensamentos em relação ao entendimento da sociedade, o chamado “contrato de sociedade eterna”, que é apresentado e defendido inicialmente por Edmund Burke. Nota-se também, que nessa corrente de pensamento, pela importância dada a essa visão, existe um forte respeito e reconhecimento aos antepassados, ou seja, a tradição, os costumes e as experiências acumuladas pela sociedade ao longo do tempo. Vale ressaltar que essa é apenas uma das várias características que constituem o conservadorismo, como será apresentado na sequência.

Outra característica marcante do conservadorismo é a sua complexidade e diversidade. “Na condição de fenômeno histórico condicionado por variáveis culturais, institucionais e políticas concretas, tanto como doutrina quanto como prática, não existe uma definição absoluta do que é conservadorismo” (KIRK, 2020,

p. 34). Com esta maleabilidade intrínseca, o conservadorismo é capaz de incorporar uma ampla variedade de pontos de vista e perspectivas. Russell Kirk reconheceu que “ou movimento ou conjunto de opiniões conservador”, por não existir uma tábua de mandamentos dogmáticos ou um manual doutrinário para guiar os fiéis, “é capaz de acomodar uma diversidade considerável de pontos de vista sobre um bom número de assuntos” (KIRK, 2020, p. 34)

Mas embora a definição de conservadorismo possa variar dependendo do contexto e da perspectiva, alguns temas são consistentes e se destacam como basilares no conservadorismo ao longo dos séculos. É importante ressaltar também que, segundo Kirk (2020), o conservadorismo não é um corpo de dogmas inalteráveis, mas guias adaptáveis que são continuamente revisitados e refinados à luz das circunstâncias em constante mudança da sociedade humana, como ele bem explica:

O conservadorismo não é um corpo fixo e imutável de dogmas; os conservadores herdaram de Burke (1729 – 1797) o talento de expressar novamente suas convicções para ajustarem-se aos tempos. Como premissa de trabalho, todavia, podemos aqui observar que a essência do conservadorismo social é a preservação das antigas tradições morais da humanidade (KIRK, 2020, p. 85).

Assim sendo, a crença na ordem moral universal e no contrato da sociedade eterna se destaca como o eixo central do pensamento conservador. “Homens e nações são governados por leis morais; essa legislação se origina numa sabedoria que não é meramente humana” (KIRK, 2021, p. 14).

O conservador é a pessoa que vê a sociedade humana como um contrato imortal entre Deus e o homem, e entre as gerações que já passaram, a geração que vive agora e as gerações que ainda estão por vir. É possível conceber tal contrato e ter um senso de dívida para com nossos antepassados e de dever para com nossa posteridade, mas só se, antes, houver um pleno senso de sabedoria e poder eternos (KIRK, 2021, p. 20).

Quando se fala em ordem moral na visão conservadora, é importante compreender que esta, segundo Kirk (2020), não é apenas uma abstração teórica, mas está intrinsecamente ligada às leis e à natureza da condição humana, tanto no que se refere à felicidade quanto ao sofrimento. A lei moral, na perspectiva

conservadora, fornece a base sobre a qual as leis e as regras sociais são estabelecidas e, ao mesmo tempo, atua como um freio sobre os impulsos humanos mais destrutivos. Sobre isso, Kirk destaca:

Nossa é a ordem moral, e nossas leis derivam das leis morais imortais; a felicidade suprema é a felicidade moral, diz Burke, e a causa do sofrimento é o mal moral. Orgulho, ambição, avareza, vingança, luxúria, sedição, hipocrisia, zelo desenfreado, apetites desgovernados – esses vícios são a verdadeira causa das tempestades que atormentam a vida. “religião, costumes, leis, prerrogativas, privilégios, liberdades, direitos dos homens são os pretextos” para a Revolução empreendida por humanitários sentimentais e agitadores maldosos que acreditam ser as instituições estabelecidas a fonte de nossas aflições. No entanto, o coração humano, na verdade, é a fonte do mal (KIRK, 2020, p. 122).

No cerne da tradição conservadora, de acordo com Kirk (2021), está a convicção de que a sociedade e suas instituições, assim como os indivíduos que a compõem, são parte integrante de um padrão maior que transcende a experiência humana individual. Isso permite a criação de uma estrutura na qual a sociedade pode funcionar de maneira eficaz e harmoniosa, sustentada por princípios e valores compartilhados que resistem à passagem do tempo.

Para Kirk, o conservadorismo não é um conjunto de aspiração política. É, pelo contrário, dispor-se ao grato deslumbramento diante do milagre de nossa existência, chamando-nos a reconhecer as fontes de nosso ser e a lutar para viver em respeitosa e amável harmonia.. (McCLAY, 2021, p. 8)

Este conceito sustenta a visão conservadora de continuidade e tradição, unindo gerações passadas, presentes e futuras em uma comunidade de valores e experiências compartilhadas. “Temos uma dívida moral para com nossos antepassados, que nos outorgaram nossa própria civilização, legando-nos o dever moral diante das gerações futuras” (KIRK, 2021, p. 14). Assim sendo, os conservadores acreditam em um contrato social eterno que serve como um vínculo unificador entre as gerações, promovendo a continuidade e a estabilidade. No entanto, Scruton (2015) explica que este contrato não é estático, mas sim dinâmico e capaz de acomodar mudanças gradualmente, sempre guiado pelo respeito à tradição e ao legado cultural.

De acordo com Coutinho (2014), às tradições desempenham também um papel educacional na sociedade, pois essas não apenas fornecem uma “gramática básica” para a conversa humana, mas também oferecem uma maneira de conectar o indivíduo à comunidade mais ampla. Essa visão reflete a ênfase do conservadorismo na importância da continuidade histórica e na conexão entre gerações.

As tradições fornecem aos indivíduos a gramática básica dessa conversa, impedindo que estes se tornem, nas palavras de Burke, meras “moscas de um verão”: existências breves, desgarradas e desabitadas de qualquer referência social, cultural ou moral. [...] Como afirmaria Burke, são as tradições que cobrem a “natureza nua” dos indivíduos com as vestes do costume e do hábito. E será com esses trajes que os indivíduos participam na “conversa” social — que não é apenas feita no tempo presente, com as ambições, as perplexidades e os desejos deste tempo presente. Como relembra ainda Oakeshott, a “grande conversa da humanidade” é um processo em que existem e coexistem três tempos: o passado, o presente e o futuro (COUTINHO, 2014, p. 60-61).

Para expandir esse ponto, Kirk (2020) nos leva a entender que as tradições, na visão conservadora, não são apenas relíquias do passado a serem preservadas por si mesmas. Mas são também uma forma de sabedoria coletiva que nos conecta ao passado e fornece um guia para o futuro. Nessa perspectiva, a tradição é vista não como um impedimento à mudança, e sim como uma forma de guiar a mudança de uma maneira que respeite o legado cultural e a experiência coletiva.

De acordo com Scruton (2015), os conservadores atribuem um valor intrínseco à tradição e aos costumes, e seu respeito por eles não é um meio para um fim, como a liberdade, mas um fim em si mesmo. Sendo esta uma característica marcante do pensamento conservador: a valorização da estabilidade e da continuidade acima da mudança pela mudança.

Os conservadores depositam sua fé em sistemas conhecidos e testados e desejam impregná-los com toda a autoridade necessária para constituir um domínio público aceito e objetivo. É daí que surge seu respeito pela tradição e pelos costumes e não de qualquer fim - como a liberdade - em relação ao qual essas práticas são tomadas como meios (SCRUTON, 2015, p. 74).

Scruton (2015) explica também que as tradições emergem naturalmente em diferentes contextos sociais, onde quer que as pessoas busquem se conectar com

algo que transcende a sua experiência individual. Seja no âmbito de clubes e sociedades, na vida local, na religião, nos costumes familiares ou na educação, as tradições fornecem uma lente através da qual os indivíduos interpretam e se envolvem com o mundo ao seu redor. “Quando alguém age a partir da tradição, passa a ver aquilo que faz como parte de um padrão que transcende o foco de seu atual interesse, ligando-o ao que foi feito anteriormente - e feito com êxito” (SCRUTON, 2015, p. 90).

Segundo Eliot, a tradição é um processo de contínua adaptação do velho para o novo e do novo para o velho. Sem tradição, a originalidade não é significativa nem verdadeiramente perceptível, e essa visão evolucionária da tradição é claramente aplicável à sociedade civil como um todo (SCRUTON, 2019, p. 100).

É fundamental ressaltar que a postura conservadora de preservação das tradições não implica uma adesão cega e indiscriminada a todas as práticas e conceitos do passado. Essa noção é enfaticamente destacada pelo sociólogo Robert Nisbet em sua obra *O Conservadorismo*. Nisbet argumenta que:

naturalmente, os conservadores, na sua simpatia pela tradição, não estavam a defender toda e qualquer ideia ou coisa recebida do passado. A filosofia do tradicionalismo é, como todas as filosofias, selectiva. Do passado deve vir uma tradição salutar que também deve ser desejável em si mesma (NISBET, 1987, p. 52-53).

Além disso, a noção de tradição no pensamento conservador vai além do mero reconhecimento das práticas do passado. De acordo com Scruton (2015), é a tradição que possibilita ao indivíduo perceber-se como parte de um contexto social mais amplo. Trata-se de um processo reflexivo, em que o indivíduo se vê tanto como fragmento de um organismo social maior quanto como representante dessa totalidade em sua individualidade. Deste modo, a tradição fornece ao indivíduo uma autoimagem que é inseparável de sua identidade social.

Um exemplo claro dessa interação entre o indivíduo e a sociedade por meio da tradição, argumenta Scruton (2015), pode ser encontrado na instituição familiar. “Aqueles que participam dessa instituição não podem ficar impassíveis em relação ao conceito que têm de si” (SCRUTON, 2015, p. 90). Pois segundo ele, no âmago

da família, o papel que cada membro desempenha, seja como pai, mãe, filho ou irmão, é definido não só por aspectos biológicos, mas também pelas tradições que circunscrevem a dinâmica familiar. Tais tradições, explica Scruton (2015), orientam a compreensão que temos de nossos próprios papéis e da maneira como interagimos uns com os outros. Assim, a paternidade, a maternidade, a filiação e a fraternidade adquirem uma profundidade significativa que vai além dos vínculos genéticos, e essas relações são construídas e interpretadas à luz das tradições que cada família carrega consigo.

Nesse contexto, torna-se claro que o respeito e a valorização à tradição são elementos cruciais no conservadorismo, desempenhando um papel vital na construção da identidade individual. Além disso, a tradição não apenas serve como uma fonte essencial de orientação nas práticas sociais diárias, mas também se estabelece como um pilar central no pensamento conservador. Ela proporciona uma base sólida para entendimento e ação, representando a sabedoria transmitida pelas gerações passadas, servindo como referência para guiar as ações presentes e futuras (SCRUTON, 2015).

A valorização intrínseca da tradição é um pilar indiscutível no conservadorismo. Porém, além disso, outros elementos se somam à apreciação da tradição, desempenhando papéis cruciais para compreender sua natureza integral. De acordo com Kirk (2021), aspectos como a estima pela ordem, pela família, pela justiça e pela liberdade se destacam. Dentro desta perspectiva, esses não são conceitos isolados, mas partes interconectadas de uma sociedade coesa.

Em continuidade à exploração desses princípios, Kirk (2021) ressalta a importância da harmonia entre a ordem, a justiça e a liberdade no pensamento conservador. Em suas palavras, “o conservador acredita que o governo é uma criação da sabedoria divina e que serve sob a providência para cuidar das necessidades humanas. As principais dessas necessidades humanas são justiça, ordem e liberdade” (KIRK, 2021, p. 35).

Com relação ao conceito “ordem”, é importante frisar o papel central que esse conceito desempenha no pensamento conservador. Para Kirk (2020), a ordem transcende a simples ideia de uma organização hierárquica ou estrutural, assumindo a característica de uma harmonia que permeia tanto o domínio interno do indivíduo quanto o externo da comunidade política. Ele esclarece:

O conservador acredita que há uma ordem moral duradoura. e que a palavra ordem significa harmonia, mas há dois aspectos ou tipos de ordem: a ordem interna da alma e a ordem externa da comunidade política, de modo a, finalmente, asseverar que o problema da ordem é uma preocupação primária dos conservadores desde que conservador se tornou um conceito em política (KIRK, 2020, p, 44).

Seguindo a explanação de Kirk, a ordem é vista como algo indispensável tanto para a alma do indivíduo quanto para a harmonia comunitária. “Ordem é a primeira necessidade da alma. Não é possível amar o que devemos amar, a menos que reconheçamos alguns princípios de ordem pelos quais devemos dirigir a nossa própria vida” (KIRK, 2020, p. 47). De maneira análoga, a ordem em uma sociedade é fundamental para a convivência justa e pacífica: “Ordem é a primeira necessidade da comunidade. Não é possível conviver com os outros, a menos que reconheçamos algum princípio de ordem pelo qual faremos justiça” (KIRK, 2020, p. 47).

Ao tratar da importância da ordem para a sociedade, Kirk argumenta que esta antecede até mesmo a justiça e a liberdade:

A boa sociedade é marcada por um alto grau de ordem, justiça e liberdade, mas entre estes, a ordem detém o primado. A justiça não pode ser implementada até que se alcance uma ordem social civil tolerada, e a liberdade não pode ser mais que violência até que a ordem nos confira as leis (KIRK, 2020, p. 47).

Por fim, Kirk destaca que a ordem interna do indivíduo e a ordem externa da sociedade estão intimamente ligadas, cada uma contribuindo para a estabilidade da outra:

Neste sentido, a ordem espiritual e moral interna da pessoa está intimamente relacionada à ordem social externa, que, por sua vez, está sustentada em tradições e instituições concretas, não somente em princípios teóricos abstratos ou no senso religioso do indivíduo (KIRK, 2020, p. 47).

Dessa forma, entende-se que o equilíbrio entre a ordem interna e externa é fundamental para a manutenção de uma sociedade estável e harmoniosa no pensamento conservador.

Já em relação ao conceito de justiça, Kirk (2020) a conceitua como o princípio e o processo pelo qual cada indivíduo obtém o que lhe é intrínseco, conforme sua própria natureza. A “Justiça é o princípio e o processo que protege a vida do homem, sua propriedade, os direitos adquiridos e sua dignidade” (KIRK, 2020, p. 43). Essa definição, de acordo com Kirk, sublinha a visão do conservadorismo sobre a justiça como algo essencial para garantir o respeito aos direitos fundamentais dos indivíduos e ao patrimônio, tanto material quanto imaterial, que é inerente a cada pessoa.

Complementarmente, Kirk (2021) argumenta que justiça implica no direito de cada pessoa ter aquilo que lhe é pertinente, seja em termos de recompensas por habilidade e integridade pessoal, ou da propriedade de sua própria personalidade, ressaltando que, em uma sociedade civilizada, todos os homens e mulheres devem ter direitos iguais perante a lei. No entanto, ele enfatiza que “essa igualdade não deve se estender à igualdade de condição: isto é, a sociedade é uma grande parceria em que todos têm direitos iguais, mas não posses idênticas” (KIRK, 2021, p. 15). Isso ressalta a perspectiva conservadora de que justiça não implica em uma distribuição igualitária de posses, mas em uma equidade de direitos e oportunidades.

Agora, adentrando a discussão sobre liberdade, Kirk (2021) argumenta que esse não é um conceito absoluto e desregrado, mas sim entrelaçado à ordem e à justiça, e que o conservadorismo traz uma perspectiva única sobre o papel do governo na promoção desses valores. Em uma visão conservadora, o Estado tem o papel de garantir a máxima liberdade aos indivíduos que seja compatível com a manutenção da justiça e da ordem. Conforme explica Kirk:

O conservador acredita que um governo justo garante aos indivíduos toda a liberdade condizente com a justiça e a ordem. A função do Estado de justiça é aumentar a liberdade individual sob a lei, não diminuí-la. Se, em nome de um “bem-estar geral” abstrato, o Estado reduz a liberdade ordenada dos cidadãos, então o conservador leva adiante a causa da individualidade com resolução (KIRK, 2021, p. 35).

Ademais, Kirk (2021) adverte contra os extremos tanto de liberdade desregrada quanto de governo sem restrições. O conservadorismo, então, busca um equilíbrio em que a liberdade e a ordem coexistam de maneira harmônica e

complementar. Nesse sentido, ele afirma que “O conservador sabe que tanto a liberdade sem qualquer tipo de restrição pode levar à opressão ou à anarquia quanto o governo sem qualquer refreio pode levar ao coletivismo” (KIRK, 2021, p. 37).

A reflexão sobre a liberdade no conservadorismo não é simplista, mas leva em conta diversas dimensões dessa liberdade. Kirk evidencia isso quando diz:

O conservador é a favor de muitos tipos de liberdade. Ele apoia, por exemplo, a liberdade política, sob constituições justas e equilibradas; a liberdade econômica, sob as regras da moralidade; a liberdade intelectual, equilibrada por um senso de responsabilidade intelectual (KIRK, 2021, p. 45).

Portanto, é claro que a liberdade para o conservador é múltipla e cuidadosamente balanceada por restrições necessárias para manter a ordem e a justiça. Avançando ainda mais nesse tema, Kirk (2021) destaca a diferença entre liberdade verdadeira e a licenciosidade. De acordo com Kirk, existem certas “liberdades” que são anárquicas e prejudiciais, e que um conservador inteligente rejeitaria. Ele afirma:

Há, contudo, supostas “liberdades” que o conservador inteligente já conhece e considera anárquicas e malévolas. Ele não reconhece nenhuma liberdade natural na tomada de bens alheios, ou na subversão da Lei e da ordem, ou na destruição dos princípios morais que fundamentam a essência da verdadeira liberdade. E ele nega a quem quer que seja, indivíduo ou corpo coletivo, o direito à liberdade de quebrar os sensíveis laços de afeição e interesse que fundamentam a família. Tal apetite não é liberdade, mas licenciosidade (KIRK, 2021, p. 45).

Essa perspectiva mostra a busca do conservadorismo por um tipo de liberdade que seja compatível com a manutenção da ordem, dos princípios morais e da coesão familiar. Segundo Kirk, “a sociedade só será boa se os indivíduos que a integram forem bons e verdadeiramente livres sobre a lei moral” (KIRK, 2021, p. 38). Desse modo, fica evidente que, para o conservadorismo, a liberdade não é uma licença para ações anárquicas, mas um estado de responsabilidade e virtude moral que sustenta a coesão da sociedade.

Esse ponto de vista é corroborado pelo filósofo Roger Scruton, o qual enfatiza uma concepção de liberdade profundamente enraizada na comunidade e em suas tradições. Segundo Scruton:

A liberdade Conservadora é aquela que está ligada e é determinada pelo contexto da comunidade a que pertence, e que não deve comprometer a si própria se submetida à ideia de uma liberdade plena, nem arruinar aquela sociedade, suas instituições (como a família) e seus valores em nome de benefícios hipotéticos advindos da liberdade desregrada. Trata-se de um tipo de liberdade restrita porque alinhada a princípios e valores, a normas escritas e não escritas, que garantem, no presente e no futuro, as demais liberdades, o desenvolvimento de uma sociedade ordeira e a preservação de suas identidades e de suas tradições (SCRUTON, 2015, p. 23).

A citação acima reafirma a importância de equilibrar a liberdade individual com a preservação das instituições e dos valores sociais. Nela Scruton reitera a intrínseca conexão do conservadorismo com uma liberdade responsável, a qual se estabelece não como uma supressão, mas como garantia de coesão social. A articulação entre liberdade individual e a preservação das instituições sociais e valores tradicionais ressalta o pressuposto conservador de que a autonomia individual, embora fundamental, não deve fomentar a fragmentação social e a erosão da moralidade coletiva. Desse modo, compreende-se que a perspectiva conservadora defende uma liberdade prudente e socialmente consciente, que respeita e protege o tecido comunitário e a ordem moral.

Além da visão particular que o conservadorismo possui sobre a liberdade, outro ponto a se destacar em sua teoria é a instituição familiar. No pensamento conservador, a família assume um papel de protagonismo na manutenção das tradições e na preservação da ordem social. Segundo Scruton (2019) é a partir da família que os indivíduos aprendem e vivenciam valores morais e éticos, bem como adquirem um sentido de pertencimento à comunidade.

Kirk (2021) argumenta que a família é vista como a primeira e mais fundamental esfera da sociedade, tendo um papel insubstituível no desenvolvimento dos indivíduos e na estabilidade social. Ele ressalta que, “a família é a verdadeira comunidade voluntária, inspirada pelo amor e pelo conhecimento comum” (KIRK, 2021, p. 45). Isso demonstra o papel central da família no pensamento conservador como uma instituição voluntária que une as pessoas através do amor e da partilha de valores e tradições comuns.

Além disso, Kirk (2021) explica que a família desempenha um papel vital em resistir ao coletivismo estéril e em proporcionar a instrução sobre o amor, o dever e o entendimento do que significa ser um homem ou uma mulher. Segundo ele, para o conservador, a família é o núcleo mais próximo, o “pequeno grupo ao qual

pertencemos na sociedade”, e é indispensável para a preservação e o aprimoramento da cultura.

O conservador sabe que sem a família, nada de maior importância na cultura será preservado ou aprimorado. A família tradicional – que, ao lado de outras realidades há muito instituídas, é indispensável – nos firma nessas raízes, sem as quais seríamos todos apenas pequenos átomos de humanidade solitária, destituídos de princípios e à mercê do domínio de políticas e leis de ferro (KIRK, 2021, p. 45).

Esta afirmação reforça a concepção de que a família, para o conservador, não apenas transmite e mantém as tradições e valores culturais, mas também oferece proteção contra as ameaças à individualidade e à liberdade pessoal.

Ainda em relação ao tema família, Scruton (2015) ressalta a relevância desta instituição para a sociedade, sublinhando que a autoridade e a responsabilidade têm seu ponto de partida nela. Ele articula esta visão da seguinte maneira:

Autoridade e responsabilidade surgem da noção de família e a sustentam como algo maior do que o agregado de seus membros, uma entidade da qual os membros participam, de modo que seu ser e o deles se misturam. As pessoas são engrandecidas, e não diminuídas, por meio de sua participação em arranjos como estes (SCRUTON, 2015, p. 76).

Scruton, em sua citação, destaca o caráter essencial da família na construção de um senso de autoridade e responsabilidade no indivíduo. Em sua visão, a família não é apenas um agregado de indivíduos, mas uma entidade coletiva que potencializa seus membros através da interação mútua e da participação compartilhada. A autoridade e a responsabilidade, segundo Scruton (2015), não são impostas de cima para baixo, mas sim surgem e são sustentadas pelo convívio familiar, um espaço onde os indivíduos aprendem a se enxergar como parte de algo maior do que eles próprios.

Outro tema que é bastante abordado na teoria do conservadorismo, é o da comunidade. No panorama do pensamento conservador, a ideia de comunidade ocupa uma posição de destaque. Segundo Scruton (2019), a comunidade não é vista como um mero agrupamento de indivíduos, mas sim uma entidade orgânica, tecida por laços de confiança mútua. Esse filósofo expõe sua visão nas seguintes palavras:

Nós, seres humanos, vivemos naturalmente em comunidades, unidos por laços de confiança mútua. Precisamos de uma casa partilhada, um lugar seguro no qual nossa ocupação permaneça indisputada e possamos pedir a ajuda de outros em caso de ameaça. Precisamos de paz com nossos vizinhos e procedimentos que a assegurem. E precisamos do amor e da proteção fornecidos pela vida familiar (SCRUTON, 2019, p. 12).

Scruton (2019), ao se referir à comunidade, traz à tona a visão conservadora de um abrigo seguro onde os indivíduos podem confiar e colaborar uns com os outros, mantendo a ordem e a harmonia social. A ideia de um lar comum, onde os conflitos são solucionados pacificamente e a proteção é assegurada, é intrínseca à concepção conservadora de comunidade. Pois segundo ele, “revisar a condição humana em qualquer um desses aspectos é violar imperativos enraizados na biologia e nas necessidades da reprodução social” (SCRUTON, 2019, p. 12).

A comunidade, portanto, na visão de Scruton, é entendida como uma extensão natural da família, um componente essencial para a preservação de valores e tradições culturais. “O mais importante impulso para o pensamento conservador é o desejo de sustentar as redes de familiaridade e confiança das quais a comunidade depende para sua longevidade” (SCRUTON, 2019, p. 14). Esse entendimento realça a interdependência entre os indivíduos e a comunidade, bem como a responsabilidade de cada pessoa de contribuir para o bem-estar coletivo.

Com relação a esse assunto, Kirk (2021) também contribui e confere grande valor à comunidade dentro da perspectiva conservadora, enfatizando como uma verdadeira comunidade deve ser governada:

Em uma comunidade genuína, as decisões que afetam mais diretamente a vida dos cidadãos são tomadas por governanças locais e de forma voluntária: a aplicação da Justiça, da função da polícia, a manutenção das estradas, dos edifícios públicos e dos benefícios distribuídos à comunidade, a coleta de impostos, o gerenciamento das instituições de caridade dos hospitais, o estabelecimento de escolas a supervisão do desenvolvimento econômico. Algumas dessas funções são executadas por corpos políticos locais e outras por associações privadas. Enquanto se mantiverem sob administrações locais e debaixo de uma aceitação geral dos cidadãos essas decisões de fato formarão uma comunidade saudável. Mas, se negligenciadas e usurpadas passarem para as mãos de uma autoridade centralizada, a comunidade estará sob grande perigo e não só a Comunidade, mas também os direitos individuais e o bem-estar social (KIRK, 2021, p. 49).

Ao concluir a explicação do papel da comunidade na perspectiva conservadora, Kirk emite um aviso profundo e esclarecedor, onde ressalta que:

Se em nome de uma “democracia” abstrata, as funções da comunidade forem atribuídas a uma autoridade Central, então o governo genuíno gerido sob o consentimento dos indivíduos governados abrirá caminho para um aparelhamento Impessoal e para um processo de padronização hostil à liberdade e a dignidade humana (KIRK, 2021, p. 50).

Essas palavras reforçam a importância crucial que os conservadores atribuem à preservação das comunidades locais, à sua autonomia e ao direito dos cidadãos de terem uma voz ativa em assuntos que impactam diretamente suas vidas. Em suma, para Kirk (2021), a defesa do caráter orgânico da comunidade e da participação democrática em nível local é um remédio contra a imposição de um governo centralizado e uniformizador, que poderia ser prejudicial à liberdade individual e à dignidade dos cidadãos.

Entre os autores do conservadorismo, é Russell Kirk quem se destaca na tentativa de sintetizar aquilo que ele chamou de cânones e princípios fundamentais da tradição conservadora. Em suas obras de referência, *“A Mentalidade Conservadora”* e *“Breve Manual de Conservadorismo”*, Kirk delineou um conjunto de princípios que ajudam a esclarecer de forma mais concisa esta filosofia política, como veremos na sequência.

Primeiramente, no cerne do pensamento conservador, Kirk (2020) coloca a crença em uma ordem moral transcendente, como já descrito nos parágrafos anteriores. A afirmação é de que as questões políticas, em última análise, são problemas morais e religiosos, e “a verdadeira política é a arte de perceber e aplicar a justiça que deve preponderar em uma comunidade de almas” (KIRK, 2020, p. 86). Russell Kirk explica ainda que os conservadores reconhecem a imperfeição humana, por isso acreditam que, ao ignorar instituições sólidas e princípios morais ancestrais, a parte negativa do ser humano tende a prevalecer.

Os conservadores sabem que homens e mulheres não são perfeitos, nem suas instituições políticas. Não podemos fazer o céu na terra, embora possamos fazer o inferno. Somos criaturas boas e criaturas más num só conglomerado; e quando ignoramos boas instituições e negligenciamos os antigos princípios morais, o mal em nós tende a predominar. Portanto, o conservador suspeita de todos os projetos utópicos. Ele não acredita que,

pelo poder das leis positivas, possamos resolver todos os problemas da humanidade. Temos esperança de tornar o mundo tolerável, mas não podemos torná-lo perfeito. Quando alcançado, o progresso se encontra debaixo do reconhecimento e da prudência das limitações da natureza humana (KIRK, 2021, p. 16).

Kirk (2021) também acredita que uma sociedade verdadeiramente próspera e avançada é aquela que é capaz de harmonizar uma diversidade de ideias, costumes e estilos de vida, criando um rico tecido social. Segundo ele, a “uniformidade e igualdade absoluta são a morte de todo verdadeiro vigor e liberdade existencial” (KIRK, 2021, p.15). Dessa forma, a ideia de uniformidade é, para Kirk, uma ameaça à riqueza intrínseca da vida social. A uniformidade, no seu ponto de vista, é contraproducente e limitadora, pois subtrai a diversidade de perspectivas que enriquecem o discurso social e político.

De forma complementar, Kirk acredita que “a sociedade civilizada requer ordens e classes, contrariando a noção de uma sociedade sem classes” (KIRK, 2020, p. 87). Ele argumenta ainda que essa estrutura é essencial para a manutenção da ordem e da estabilidade social, por esse motivo, “com razão, os conservadores muitas vezes são chamados de ‘o partido da ordem’” (KIRK, 2020, p. 87). E isso não significa a defesa da opressão de uma classe por outra, mas sim a convivência harmoniosa de diferentes grupos e estratos sociais dentro de uma sociedade.

Se as distinções naturais entre homens forem eliminadas, oligarcas preencherão esse vazio. A igualdade definitiva no julgamento Divino e a igualdade perante a lei são reconhecidas pelos conservadores; mas a igualdade de condição, acreditam, significa uma igualdade na servidão e no tédio (KIRK, 2020, p. 87).

Além disso, Kirk (2021) ressalta a conexão indissociável entre propriedade e liberdade, argumentando que a separação da propriedade da posse privada levaria à dominação do Leviatã, o estado absoluto. Portanto, a igualdade econômica, na visão de Kirk, não é sinônimo de progresso econômico.

A propriedade e a liberdade estão inseparavelmente entrelaçadas; o nivelamento econômico não é progresso econômico. Os conservadores evidentemente valorizam a propriedade privada por aquilo que ela é, mas a

valorizam ainda mais porque sem a propriedade particular todos estariam à mercê de um governo onipotente (KIRK, 2021, p. 15).

Outro princípio crucial, segundo Kirk (2020), é a fé no uso consagrado e a desconfiança daqueles que procuram reconstruir a sociedade com base em projetos utópicos e abstratos. Para Kirk, a tradição “o costume, a convenção e os antigos usos consagrados são freios tanto para o impulso anárquico do homem quanto para a avidez do inovador pelo poder” (KIRK, 2020, p. 87).

Por fim, Kirk afirma que “os conservadores estão convencidos de que a mudança e a reforma não são idênticas” (KIRK, 2021, p.17). Pois segundo ele, “a inovação moral e política tanto pode ser destrutiva como benéfica. E se empreendida em um espírito de presunção entusiasmo, a Inovação provavelmente será desastrosa” (KIRK, 2021, p.17). Por isso ele destaca a importância da prudência.

Reconhecimento de que a mudança pode não ser uma reforma salutar: a Inovação impetuosa pode ser uma consagração destruidora, em vez da tocha do Progresso. A sociedade deve se modificar, pois a mudança prudente é o meio da preservação social; no entanto, um estatista, em seus planos, deve levar em conta a prudência, e a maior virtude de um estatista, segundo Platão (427-237 a.C) e Edmund Burke, é a prudência (KIRK, 2020, p. 86-87).

Esses princípios, articulados por Russell Kirk, formam a estrutura do pensamento conservador. Segundo ele, ao valorizar a ordem moral transcendente, a diversidade e a propriedade privada, respeitando a tradição e abordando a mudança com prudência, o conservadorismo busca promover uma sociedade estável, justa e livre.

Em suma, pode-se entender que, em essência, o conservadorismo, conforme discutido neste capítulo do texto, baseia-se numa confluência de princípios e valores que moldam a sua perspectiva única do mundo. A crença em uma ordem moral intrínseca impulsiona a visão conservadora da sociedade, reforçando a ideia de um contrato perene entre as gerações passadas, presentes e futuras, onde este contrato é mantido pela tradição e pela ordem, valorizadas como meios de transmitir sabedoria coletiva e assegurar a estabilidade social. Instituições como a família e a comunidade ganham importância central neste contexto, sendo vistas como alicerces para a coesão social e a transmissão de valores. No âmbito do

conservadorismo, a justiça é vista como uma questão de equidade, e a liberdade é entendida em termos de responsabilidade individual. A prudência, talvez a maior virtude no pensamento conservador, é o farol que orienta a abordagem dessa filosofia diante da mudança e da tomada de decisões, assegurando que a evolução da sociedade ocorra de forma cautelosa e considerada, protegendo a estrutura da sociedade de mudanças abruptas e potencialmente prejudiciais.

2. MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES

Conforme discutido no Capítulo 1, Edmund Burke, considerado o “pai fundador” do conservadorismo, deixou um legado duradouro no pensamento político e social. Sua visão e suas ideias perduram através de sua obra, ecoando também nas contribuições de outros destacados pensadores, principalmente Russell Kirk e Roger Scruton. Esses autores desempenharam um papel fundamental na construção da base dessa corrente de pensamento. O aprofundamento da compreensão sobre o conservadorismo foi imprescindível, pois prepara o terreno para a análise dos movimentos sociais conservadores que moldam o cenário político e social do Brasil.

Este capítulo é composto por duas seções. A primeira seção traz uma explicação embasada sobre o conceito de movimentos sociais, estabelecendo assim um melhor entendimento sobre o tema. Na segunda seção, são explorados os movimentos sociais conservadores, investigando suas origens, características e trajetória no contexto brasileiro. Embora o foco esteja nos movimentos mais recentes, que adquiriram maior notoriedade a partir de 2013, não se pode ignorar as raízes profundas do pensamento conservador que permeiam a cultura política brasileira. Esse traço é enfatizado por González *et al.* (2021) ao descrever a cultura política conservadora no país como caracterizada por suas antigas e sólidas bases.

A investigação e compreensão dos movimentos sociais conservadores em âmbito nacional que serão abordados neste capítulo 2, são de fundamental importância. Pois, esse olhar mais amplo de certos acontecimentos que estimularam os movimentos em todo o país é que suscitará um melhor entendimento, estabelecendo assim uma ponte para o terceiro e último capítulo, o qual tratará a respeito dos movimentos sociais conservadores que acontecem na região oeste do Estado de Santa Catarina.

2.1 O QUE SÃO MOVIMENTOS SOCIAIS?

Antes de se explorar especificamente os movimentos sociais conservadores, é essencial entender a estrutura e a natureza dos movimentos sociais. Afinal, o que

são movimentos sociais? Para encontrar respostas a essa questão, recorreremos a alguém de referência nessa área, a socióloga Maria da Glória Gohn, a qual traz importantes explicações sobre o tema. Em sua obra “Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos” (1997), a autora desenvolve uma abordagem minuciosa e abrangente, onde delinea as características fundamentais dos movimentos sociais a partir de uma extensa análise que abrange desde as teorias clássicas sobre ações coletivas até as teorias contemporâneas de movimentos sociais. Portanto, o que será aqui apresentado deriva desse cuidadoso estudo conduzido por Gohn.

No universo acadêmico, os movimentos sociais têm um papel de destaque nos estudos sociopolíticos, sendo comumente enquadrados dentro da problemática da ação coletiva (Gohn, 1997, p. 327). Alguns estudiosos, citados por Gohn, como Smelser (1962), Tilly (1978) e Touraine (1973, 1978), chegam a incluí-los em uma teoria da ação social, o que destaca a importância dos movimentos sociais na estruturação da sociedade e suas dinâmicas.

De fato, o estudo dos movimentos sociais surgiu junto com o nascimento da própria Sociologia. A conceituação de movimento social foi primeiramente desenvolvida por Lorenz Von Stein em 1840, que defendia a necessidade de uma ciência da sociedade dedicada ao estudo dos movimentos sociais, incluindo o emergente movimento proletário francês e o comunismo e socialismo (Gohn, 1997, p. 328). No século XX, essa temática passou a ser enxergada como parte intrínseca dos processos de interação social, dentro das teorias de conflito e mudança social, conforme apontado nos estudos de T. Bottomore (Gohn, 1997). Isso corrobora a relevância dos movimentos sociais no contexto da transformação e do desenvolvimento social.

Embora exista um número razoável de estudos que tratam dos movimentos sociais e diversos paradigmas explicativos sobre o tema, a complexidade inerente a esses torna a sua definição e teorização um desafio. Como Gohn observa, “não podemos afirmar que existam teorias bastante elaboradas a seu respeito. Parte dessa lacuna se dá pela multiplicidade de interpretações e enfoques sobre o que são movimentos sociais” (GOHN, 1997, p. 242). Isso indica a existência de uma variedade de perspectivas que buscam entender o que são e o que motivam os movimentos sociais, e o desafio de desenvolver uma definição ou teoria universalmente aceita.

No entanto, Gohn (1997, p. 245) rejeita a ideia de uma única definição universal para os movimentos sociais. Cada teoria, dentro de seu respectivo paradigma, traz sua própria concepção de movimento social. A concepção apresentada pela socióloga é baseada nas premissas e metodologias que a mesma utiliza em sua pesquisa. E ressalta que, longe de ser considerada a “verdadeira” ou a “melhor” definição, ela representa uma construção teórica possível que pode ser modificada ou transformada à medida que novos fatos históricos emergem.

Dito isto, é crucial estabelecer alguns parâmetros mínimos para a conceituação teórica dos movimentos sociais, com base em categorias que emergem das manifestações concretas desses movimentos. Os movimentos sociais são processos sociopolíticos e culturais que surgem na sociedade civil, em meio a um universo de forças sociais em conflito.

Para ajudar a entender melhor esses fenômenos, Gohn (1997, p. 245) diferencia entre movimentos e grupos de interesse. Segundo ela, os interesses comuns de um grupo são um componente de um movimento, mas não são suficientes para definir o grupo como um movimento social. Pois, para ser considerado um movimento social, o grupo de pessoas deve estar constituído como um coletivo social e, para tal, deve ter uma identidade comum. Além disso, deve haver uma realidade compartilhada que seja anterior à aglutinação dos interesses do grupo. Qualquer inovação cultural, econômica ou outra ação gerada pelo grupo faz parte do substrato comum compartilhado entre eles.

A partir dessa perspectiva, um movimento social é caracterizado não apenas pela ação coletiva em torno de interesses comuns, mas também por uma identidade comum e uma experiência compartilhada que une seus membros. Gohn (1997) enfatiza que essa “identidade comum” atrai indivíduos ao grupo e ao movimento, pois se identificam com suas pautas, ideais, princípios e valores. Além disso, a ação coletiva não institucionalizada é também uma das características de um movimento social, sendo essa “uma ação coletiva fora da esfera estabelecida pelas instituições. Disto resulta que muitas vezes um movimento social *strictu sensu* deixa de ser movimento quando se institucionaliza, e se torna uma ONG, por exemplo” (GIDDENS 1993 *apud* GOHN, 1997, p. 247). Esses aspectos são evidentes nos movimentos sociais conservadores que serão estudados no decorrer deste trabalho.

Gohn (1997, p. 248) observa que os movimentos sociais não são determinados por relações de causalidade mecânica ou simples sequências de

causa e efeito. Em vez disso, eles se movem e mudam de acordo com a dinâmica do conflito social e da luta social, seja na busca por novas condições ou na conservação do status quo. Isso confere às ações dos movimentos um caráter reativo, ativo ou passivo. É importante ressaltar, no entanto, que segundo a socióloga, nem todas as mudanças na sociedade são sinônimos ou resultados da ação de um movimento social. Os movimentos sociais são uma das possíveis formas de mudança e transformação social, mas não a única.

Nesse contexto, Gohn (1997) enfatiza que um ponto central na compreensão dos movimentos sociais é a ideia de “força social”. Esta força pode ser expressa como uma demanda ou reivindicação concreta, ou como uma ideia-chave que, quando formulada e apropriada por um grupo, torna-se um eixo orientador e estruturador da luta social desse grupo. Segundo Gohn (1997, p. 248) o conceito de “luta social” é fundamental, pois esse é um conceito mais abrangente que a luta de classes. Afirma ainda que as classes sociais são uma forma de organizar as ações humanas na história, mas não a única.

Gohn (1997) também introduz a ideia do “ator social” como uma categoria útil para a análise. Os atores sociais pertencem a uma classe social, mas frequentemente se envolvem em lutas que não estão diretamente relacionadas à problemática da classe social. Estas podem incluir questões de gênero, étnicas, ecológicas, entre outras. “Ou seja, grande parte dos eixos temáticos básicos dos movimentos sociais contemporâneos não diz respeito ao conflito de classes mas a conflitos entre atores da sociedade” (GOHN, 1997, p. 249).

Portanto, ao considerar os movimentos sociais, é essencial reconhecer a diversidade e complexidade das forças em jogo. Estes movimentos são moldados por uma ampla gama de fatores e envolvem uma variedade de atores, cada um trazendo suas próprias experiências, identidades e reivindicações para a luta coletiva.

Em resumo, a centralidade da categoria luta social junto aos homens em geral explica-nos a existência de movimentos sociais em vários segmentos da sociedade. Eles estão em luta na defesa de seus interesses, buscando conquistas ou resistindo às mudanças que solapam conquistas anteriores (GOHN, 1997, p. 250).

Outro ponto importante a se destacar como alertado por Castells (*apud* GOHN, 1997) na década de 1970, é de que as carências sociais por si só não são suficientes para gerar um movimento social. É necessário que essas carências se transformem em demandas que, por sua vez, podem se transformar em reivindicações por meio de uma ação coletiva. Esse processo é uma parte essencial da formação de um movimento social. O que une as carências à formação de reivindicações são ações concretas dos indivíduos, que projetam esses indivíduos em um cenário após fundir a legitimidade e a justeza das demandas, o poder público da base social demandante, o contexto político-econômico do momento e a cultura política do grupo reivindicante em termos da trajetória que tenha construído ao longo da história.

O conjunto desses fatores - carências, legitimidade da demanda, poder político das bases, cenário conjuntural e cultura política do grupo - resultará na força social de um movimento, criando o campo de forças do movimento social (GOHN, 1997, p. 250).

Além disso, é importante salientar que, como afirma Touraine (*apud* Gohn, 1997), os movimentos sociais não se reduzem à defesa coletiva de interesses. A mobilização dos atores é mais forte quando se direciona aos seus valores, solidariedades e representações, ao mesmo tempo em que existem interesses muitas vezes difíceis ou impossíveis de serem definidos em si mesmos.

É crucial observar também que a análise dos movimentos sociais se desenvolve prioritariamente no campo da política. Os movimentos sociais são vistos como expressões de poder da sociedade civil e sua existência, independentemente de suas demandas, sempre se desenvolve em um contexto de correlação de forças sociais. Portanto, eles são fundamentalmente processos político-sociais. Desse modo, pode-se conceituar os movimentos sociais como ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil (GOHN, 1997, p. 250).

Ademais, Gohn (1997) explica que as ações em movimentos sociais são moldadas por uma coleção de temas e problemas que são fontes de conflito, litígio e disputa para o grupo dentro da sociedade. Sendo que estas ações constituem um

processo que é simultaneamente social e político-cultural, resultando na formação de uma identidade coletiva para o movimento baseada em interesses compartilhados. “Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados” (GOHN, 1997, p. 251).

Os movimentos sociais, portanto, participam da mudança social histórica de um país. O caráter das transformações geradas pode ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas às quais estão articulados e dos projetos políticos que constroem com suas ações (GOHN, 1997, p. 252).

A conceituação detalhada é subjacente que os movimentos sociais invariavelmente possuem uma natureza política (não necessariamente partidária). Os quais constroem e expandem um campo de forças sociais com viés político na sociedade civil, auxiliando assim na evolução política da mesma (GOHN, 1997).

Dentro dos movimentos sociais, Gohn (1997) esclarece que o pilar central de articulação entre os diversos atores envolvidos é o princípio de solidariedade, que se constrói a partir de um referencial comum de valores e ideologias, formado ao longo da história do grupo ou advindo de costumes e tradições. Importante ressaltar que, embora se fale em solidariedade, isso não implica que os movimentos sejam espaços internos de harmonia ou homogeneidade. Na verdade, é comum a presença de conflitos e tendências internas variadas. No entanto, a maneira como esses movimentos se manifestam publicamente, através do discurso que formulam e das práticas que articulam em eventos externos, gera um imaginário social de unidade, uma percepção de totalidade.

A solidariedade é o princípio que costura as diferenças fazendo com que a representação simbólica construída e projetada para o - não-movimento - seja coerente e articulada em propostas que encubram as diferenças internas, apresentando-se, usualmente, de forma clara e objetiva (GOHN, 1997, p. 253).

Já em relação ao processo de análise dos movimentos, Gohn (1997) observa que tais análises precisam contemplar dois pontos de vista fundamentais: o interno e

o externo, pois essas duas perspectivas são intrinsecamente ligadas e se refletem mutuamente. Estes dois aspectos formam uma imagem holística dos diferentes grupos envolvidos em um movimento social. No âmbito interno, os movimentos sociais criam repertórios de demandas baseados em valores, crenças e ideologias específicas, e planejam estratégias de ação que, em seguida, são projetadas para o cenário externo. Logo, os principais elementos internos a serem investigados em um movimento social, que constituem suas categorias de análise, incluem: suas demandas e reivindicações, os repertórios de ações coletivas que desenvolvem, sua composição social e suas conexões (GOHN, 1997, p. 255).

As demandas e os repertórios de ação coletiva são elementos-chave no estudo de um movimento social. Uma demanda geralmente surge quando uma necessidade – seja ela econômica, política, social ou cultural – permanece insatisfeita. Os repertórios, por sua vez, são formados a partir da agregação dessas demandas. Eles são o resultado da tradução de uma demanda em uma reivindicação, mediada pelo conteúdo político-ideológico do projeto do movimento (GOHN, 1997, p. 257).

Já a composição de um movimento social, pode ser examinada sob duas perspectivas: a origem social dos participantes e o princípio que os une. A origem social é determinada pelas classes e camadas sociais dos participantes. Comumente, observa-se a presença de alianças entre setores das classes médias e populares ou em outras configurações (GOHN, 1997, p. 256).

Quanto à estrutura interna de um movimento, Gohn (1997, p. 257) argumenta que essa é composta por três componentes essenciais: as bases demandatárias (aqueles que fazem as demandas), as lideranças e as assessorias. Geralmente, as duas primeiras partes são inerentes ao movimento, constituindo o núcleo dos demandantes. Já o último elemento, a assessoria, é externo e se junta ao movimento em certos momentos.

De acordo com Gohn (1997), essas interações entre a base, a liderança e a assessoria formam o princípio de articulação interna. A natureza democrática de um movimento pode variar de acordo com esse princípio. No entanto, o elemento principal que molda as relações internas é o princípio de articulação externa: as alianças externas, ou as fontes geradoras de recursos e práticas. Este princípio externo é derivado das relações entre diferentes redes de movimentos sociais. Historicamente, a Igreja, partidos políticos e sindicatos têm sido as principais fontes

de alianças com movimentos populares no que diz respeito à assessoria. “Elas são os elos de mediação entre as duas estruturas: movimento e instituição externa. Elas desempenham o papel de interlocutores por excelência dos movimentos” (GOHN, 1997, p. 257).

Já em relação a ideologia de um movimento, Gohn (1997) esclarece que essa se refere ao conjunto de valores, crenças e ideais que sustentam suas demandas. Segundo ela, no contexto brasileiro contemporâneo, as assessorias têm desempenhado um papel crucial na formação das ideologias dos movimentos. Estas ideologias funcionam como referências estratégicas fundamentais para estabelecer a identidade dos mesmos. É possível identificar a ideologia de um movimento por meio da análise dos discursos e mensagens de seus líderes, bem como de toda a produção material e simbólica gerada pelo movimento.

Quanto à estrutura organizacional de um movimento social, essa pode ser tanto formal quanto informal. Frequentemente, os movimentos tendem a ter uma organização informal em seus estágios iniciais. No entanto, com o passar do tempo, surge a necessidade de formalização, o que implica o estabelecimento de funções, divisão de tarefas, cargos e prazos de mandato, entre outros. Contudo, existem movimentos que conseguem se manter por décadas sem necessidade de uma organização formal. Estes são movimentos que operam mais no plano das ideias (GOHN, 1997, p. 259).

Quanto às práticas de um movimento social, Gohn (1997), enfatiza que essas são compostas por ações diretas e discursos, que podem variar em termos de nível de organização. Algumas dessas atividades ocorrem como resposta a eventos espontâneos e massivos, como manifestações de grande escala. Já as práticas organizadas podem assumir modelos formais, como reuniões, assembleias, petições formais, abaixo-assinados, congressos, greves e eventos para debates políticos ou socioculturais. Por outro lado, também podem ser informais, como acampamentos, performances teatrais, protestos rápidos organizados a partir de uma assembleia formalmente convocada, aglomerações em frente a instituições públicas ou ocupações de determinados órgãos públicos.

Os movimentos sociais mais estruturados, com organização de cargos e funções, ideologias mais tradicionais, etc., tendem a ter mais práticas formais. Os movimentos sociais mais soltos, mais flexíveis em termos de organização, tendem a fazer uso quase que exclusivamente das práticas

informais. Por isso estão sempre inovando e surpreendendo. [...] As práticas não-organizadas decorrem de movimentos mais radicais ou em fase embrionária de organização. Elas surgem como atos de sublevação, são insurreições populares que dão origem a movimentos sociais (GOHN, 1997, p. 260).

Outro ponto a se destacar é sobre o contexto sociopolítico em que um movimento social se desenvolve. O contexto é crucial para entender os fatores que influenciam sua dinâmica interativa e a correlação de forças existentes. Uma suposição comum é que as vitórias fortalecem um movimento. No entanto, de acordo com Gohn, isso nem sempre se concretiza. Em várias situações, a conquista de uma demanda pode levar a uma acomodação e um subsequente declínio na organização. Existem também exemplos em que uma derrota serviu como catalisador para revigorar os movimentos, criando as condições para seu crescimento (GOHN, 1997).

Gohn explica ainda que para analisar os movimentos sociais é necessário o uso de categorias teóricas que são tanto históricas quanto variáveis, dependendo do paradigma adotado. Ao abordar o paradigma teórico para análise de movimentos sociais na América Latina, apesar da falta de teorias robustas, certas categorias analíticas foram desenvolvidas com base no tipo dominante de movimento social: os populares (GOHN, 1997, p. 263).

E para essa análise o conceito de participação tem sido uma pedra angular nas ciências sociais desde seu início na América Latina. De acordo com Gohn (1997), é uma formulação clássica na teoria da ação social, influenciada tanto por Max Weber quanto por Parsons, cujos pensamentos eram de grande importância para os pesquisadores latinos até meados da década de 1960. A participação tornou-se um termo chave no repertório de demandas dos movimentos sociais. No entanto, com o tempo, o termo se popularizou e foi incorporado em discursos políticos conservadores, tornando-se uma referência necessária em todos os planos, projetos ou políticas governamentais, como sinônimo de descentralização.

Por fim, a socióloga enumera as fases de um movimento social. Segundo ela, os movimentos sociais passam, de maneira geral, por diversas fases distintas. Inicialmente, ocorre a percepção de uma carência ou a consolidação de ideias e objetivos a serem alcançados. A partir daí, as demandas são formuladas por um pequeno grupo de pessoas, geralmente lideranças e assessores. Essas demandas atraem e agregam pessoas, formando as futuras bases do movimento, que então

começam a transformar essas demandas em reivindicações. A partir desse momento, o movimento começa a se organizar de maneira mais estruturada e estratégias são formuladas para auxiliar no alcance das metas propostas. Práticas coletivas, como assembleias, reuniões e atos públicos se tornam parte integrante do movimento. As reivindicações são então encaminhadas e divulgadas por meio de diversos meios, como jornais, conferências e representações teatrais. Em alguns casos, o movimento pode até mesmo se envolver na execução de certos projetos, como a criação de uma comunidade religiosa. Em um estágio subsequente, o movimento entra em uma fase de negociação com opositores ou intermediários, geralmente conduzida por interlocutores. E finalmente, após superar todas essas etapas, o movimento atinge o seu último estágio, o de consolidação e/ou institucionalização (GOHN, 1997, p. 266).

Em suma, entende-se que os movimentos sociais, conforme o olhar perspicaz de Gohn (1997), são estruturas complexas que surgem das necessidades insatisfeitas da sociedade. Sendo que estas necessidades, por sua vez, são transformadas em demandas e, eventualmente, em ações coletivas por meio de um processo de conscientização e mobilização social. Neste cenário, o conjunto de ideais, princípios e valores compartilhados, desempenha um papel crucial, servindo como o elo que conecta os membros dos movimentos sociais, ao mesmo tempo que orienta suas ações e metas. A estrutura organizacional desses movimentos, que pode variar de formal a informal, é um reflexo da origem social de seus membros e dos princípios que os unem. O contexto sociopolítico em que esses movimentos surgem e operam é um determinante crítico de seu desenvolvimento e eficácia.

2.2 A ASCENSÃO E TRAJETÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NO BRASIL DEMOCRÁTICO

Após a exposição do conceito e das características gerais dos movimentos sociais, conforme definidos por Gohn, a atenção é redirecionada para um tipo específico de movimento social: os movimentos sociais conservadores. Embora esses movimentos estejam presentes em diversos países e contextos, o foco da abordagem aqui é o contexto brasileiro após a abertura democrática (1985). A

análise sob este recorte é conduzida para compreender a trajetória dos movimentos que são objeto deste trabalho, logo, embora seja possível retroceder aos primórdios da história política brasileira, optamos por concentrar a discussão sobre o período contemporâneo objetivando. Pois, esse processo de investigação estabelece a base necessária para o estudo detalhado do que vem posteriormente no terceiro capítulo, os movimentos sociais conservadores na região oeste catarinense.

O conservadorismo e os movimentos conservadores no Brasil muitas vezes são erroneamente percebidos como fenômenos recentes. No entanto, de acordo com González *et al.* (2021), o conservadorismo está profundamente enraizado na cultura política do país, com raízes antigas e duradouras. Esses autores classificam o moralismo como uma característica essencial do conservadorismo brasileiro o qual tem desempenhado um papel significativo na mobilização eleitoral desde as primeiras eleições. Exemplos notáveis, como as campanhas de Jânio Quadros, nos anos 1960, e Collor de Mello, em 1989, destacaram a denúncia da corrupção e a oposição aos privilégios, demonstrando como o moralismo moldou a narrativa eleitoral. Explicam ainda que esse moralismo está diretamente ligado à religião, demonstrando que esse já existe desde o período de colonização do Brasil. Fazendo surgir, há muito tempo, movimentos sociais conservadores no país.

A religião dominante desde a colonização, o catolicismo, diante do surgimento de movimentos políticos como o anarquismo e o comunismo, fez com que a Igreja se tornasse politicamente ativa, tanto em termos de movimentos sociais como de representação parlamentar, seguindo uma trajetória influenciada pela Guerra Fria de forte discurso anticomunista (RODEGHERO, 2002 *apud* GONZÁLEZ *et al.*, 2021, p. 17).

González *et al.* (2021) ressaltam que a relação entre moralismo e conservadorismo no Brasil é historicamente notável, frequentemente associando-se a valores ligados à religião cristã e à família. A história brasileira é marcada por momentos em que discursos anticomunistas e anti-progressistas desempenharam um papel importante na política nacional, revelando a natureza intrínseca do conservadorismo na cultura política brasileira. O crescimento dos movimentos conservadores no início do séc. XXI, portanto, não deve ser visto como algo súbito, mas como uma continuação de um legado político que remonta muitas décadas e

que, de tempos em tempos, ressurgiu com vigor, refletindo as complexas dinâmicas da política no Brasil.

A trajetória dos movimentos sociais conservadores no Brasil dos últimos anos reflete mudanças profundas na sociedade e na política brasileira. Velasco e Cruz *et al.* (2015) argumentam que a ascensão desses movimentos não pode ser entendida sem levar em conta o contexto mais amplo de descontentamento social e político que tomou conta do país durante esse período.

O crescimento desses movimentos sociais conservadores foi marcado por uma série de eventos-chave, principalmente na primeira década do século XXI. De acordo com Oliveira (2022) e Velasco e Cruz *et al.* (2015), esses movimentos podem ser rastreados por uma crescente mobilização em torno de questões conservadoras a partir do ano de 2010. Segundo Oliveira:

Um contexto sociopolítico convulsivo, como é de se supor, é fértil ao aparecimento de novos atores sociopolíticos. Desse modo, ao contrário dos movimentos sociais de caráter progressista e pela democratização do Estado, os que apareceram no início do século XXI, resultantes desse processo social convulsivo, nítidos e assumidamente são conservadores, direitistas e neoliberais (OLIVEIRA, 2022, p. 4).

No final do século XX e início do século XXI, ocorreram mudanças significativas na paisagem política e social do Brasil que influenciaram a ascensão dos movimentos sociais conservadores. Até os anos 1990, o país presenciou uma efervescência de movimentos sociais progressistas que lutavam por cidadania, direitos humanos e democratização do Estado (OLIVEIRA, 2022). No entanto, com o advento das políticas neoliberais na década de 1990 e no início dos anos 2000, houve uma mudança de tática em muitos destes movimentos. Onde os mesmos começaram a se aliar mais estreitamente ao Estado, passando a se focar em colaborações para a implementação de políticas públicas (BURITY, 1999 *apud* OLIVEIRA, 2022; TATAGIBA, 2002 *apud* OLIVEIRA, 2022). Tal mudança estratégica foi também influenciada pela privatização de empresas públicas e pela redução das responsabilidades do Estado na esfera social, características marcantes do neoliberalismo.

Nesta conjuntura, a cena política e social dos anos 1990, marcada por uma maior democratização do Estado e pelas políticas neoliberais implementadas

durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), proporcionou uma oportunidade para estes movimentos progressistas de se aproximarem dos governos, especialmente em nível local. Porém, essa nova orientação muitas vezes veio à custa da atenção dada à organização interna desses movimentos (OLIVEIRA, 2022).

A fase subsequente à implementação das políticas neoliberais no Brasil é marcada pela ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência da República. Durante os dois primeiros períodos do governo PT (2003-2010), as relações entre os movimentos sociais progressistas e o Estado se intensificaram, com estes movimentos e as ONGs envolvidas aprofundando sua parceria na execução de projetos de políticas sociais. Entretanto, essa aproximação com o Estado acabou por enfraquecer a capacidade formativa desses movimentos e ONGs, impactando negativamente sua organização interna e o fortalecimento de suas lideranças (OLIVEIRA, 2022).

Consequentemente, houve menos mobilizações sociais de rua, houve um esfriamento social, comparativamente às décadas de 80/90. De tal modo, no final do terceiro governo federal do supracitado partido, os movimentos sociais progressistas estavam em refluxo, numa conjuntura que leva ao acirramento da disputa de projetos políticos antagônicos, crise econômica aprofundada com aumento do desemprego, inflação crescendo e disputa eleitoral, entram em cena os movimentos sociais conservadores (OLIVEIRA, 2022, p. 6).

Paralelamente, emergem no cenário os movimentos sociais conservadores, oferecendo uma agenda oposta à dos progressistas. Seu surgimento e ascensão foram notáveis, em grande parte, pelo uso inovador das redes sociais para a mobilização e articulação, contando ainda com o apoio de empresários e setores da mídia regional e nacional (MARTÍN, 2014 *apud* OLIVEIRA, 2022; AMARAL, 2016 *apud* OLIVEIRA, 2022).

De acordo com Velasco e Cruz *et al.* 2015, em meados da década de 2010, esses movimentos conservadores se tornaram cada vez mais habilidosos em utilizar as redes sociais para fazer ecoar suas mensagens e mobilizar apoio. O *Facebook*, em particular, se tornou uma ferramenta vital para sua estratégia de comunicação, permitindo que alcançassem um público muito maior do que o que seria possível através dos meios de comunicação tradicionais.

Vale ressaltar também que, antes do ápice das manifestações conservadoras, organizações estudantis já alertavam para a insatisfação social latente. As expressivas manifestações em todo o Brasil em junho de 2013 sinalizaram que, apesar do aparente sucesso dos governos do PT, nem tudo estava bem na sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2022).

As manifestações de 2013, originalmente organizadas pelo Movimento do Passe Livre em protesto contra o aumento das tarifas de transporte público, foram rapidamente apropriadas por grupos mais amplos com uma variedade de queixas contra o governo. Velasco e Cruz *et al.* (2015) destacam também que páginas de *Facebook* como *AnonymousBrasil*, *Movimento Contra Corrupção*, *Isso é Brasil* e *A Verdade Nua & Crua*, com seu discurso focado na defesa da justiça, melhoria da vida e combate à corrupção, tornaram-se entre as mais compartilhadas, indicando a crescente influência de grupos ligados à direita conservadora. Além disso, tais manifestações foram alimentadas por um complexo conjunto de fatores. Segundo a literatura especializada, a origem dessas manifestações pode ser rastreada até a estrutura social excludente, uma conjuntura política complexa e a articulação de demandas difusas (OLIVEIRA, 2022).

De acordo com o sociólogo Francisco Mesquita de Oliveira (2022), as manifestações de junho de 2013 começaram com uma ampla gama de reivindicações, vindas de atores sociais que poderiam ser localizados em qualquer ponto do espectro político, desde o progressismo até o conservadorismo. Sendo esses em sua maioria jovens estudantes, trabalhadores, pessoas da classe média e moradores de bairros periféricos que se engajaram nos protestos em centenas de cidades brasileiras. Embora a demanda principal fosse a redução das tarifas de transporte público, outros problemas, como a corrupção, os gastos do governo com a Copa do Mundo de 2014 e a PEC nº 37, também foram levantados (GOHN, 2017; ROMÃO, 2013 *apud* OLIVEIRA, 2022).

Nos meses que se seguiram às manifestações de 2013, páginas do *Facebook* associadas a um discurso contra a corrupção, contra a realização da Copa do Mundo e contra as prioridades de investimento do governo federal ganharam milhares de seguidores. As páginas elogiosas à atuação de Jair Bolsonaro, como a do *Movimento de Combate à Corrupção (MCC)*, tiveram um crescimento substancial. Para ilustrar isso, o MCC, que até junho de 2013 não possuía 100 mil curtidas, ganhou mais de um milhão de adeptos no decorrer daquele ano. E entre todas as

páginas que apresentaram crescimento acelerado no número de seguidores, apenas duas dessas eram vinculadas ao pensamento do espectro político de esquerda, o Movimento Passe Livre e a Mídia Ninja (VELASCO e CRUZ *et al.*, 2015, p. 223).

Segundo Velasco e Cruz *et al.* (2015), a partir do ano de 2013 ficou evidente que a internet se consolidou como um espaço de disputa política e plataforma de mobilização. Partidos tradicionais, de direita, centro e esquerda, bem como sindicatos, tiveram dificuldades para disputar ideias e propostas nas redes digitais. Tal cenário abriu espaço para novas lideranças e novos articuladores políticos a partir da internet. Diante disso Velasco e Cruz *et al.* (2015) afirmam que:

A esquerda foi mais lenta e menos capaz de disputar o senso comum nas redes sociais. A direita cresceu compartilhando reportagens da revista Veja, textos de Olavo de Carvalho, discursos de Bolsonaro, notícias contra a corrupção do PT combinadas às críticas contundentes às políticas sociais do governo Lula. Emergiu assim uma nova direita (VELASCO e CRUZ *et al.*, 2015, p. 223)

Essa tendência continuou em 2014 (VELASCO e CRUZ *et al.*, 2015), quando a eleição presidencial foi marcada por um acirrado embate nas redes sociais entre forças da direita e da esquerda. Durante a campanha eleitoral e após a reeleição apertada de Dilma Rousseff, os movimentos conservadores continuaram a usar as redes sociais como uma plataforma para mobilizar apoio e criticar o governo. Segundo Velasco e Cruz *et al.* (2015, p. 227), apesar de algumas páginas da direita terem parado de operar após as eleições, outras passaram a pedir a derrubada do governo, seja por impeachment ou intervenção militar.

Já durante o primeiro semestre de 2015, a influência das principais lideranças da direita nas redes sociais alcançou uma escala impressionante. De acordo com Velasco e Cruz *et al.* (2015, p. 228), estas lideranças conseguiam disseminar suas mensagens para uma audiência diária de aproximadamente 40 milhões de pessoas conectadas à internet. O engajamento nas páginas do *Facebook* que promoviam os mais compartilhados chamados para manifestações, patrocinadas por forças de direita, conforme explicado pelo autores, não se limitou a discursos neoliberais moderados, mas esses variaram do neoliberalismo ao conservadorismo mais extremo, chegando até a reivindicar a intervenção militar. Uma evolução notável nesse período foi a disposição aberta de vozes de direita em assumir a defesa de valores liberais conservadores. A presença poderosa e crescente de tais vozes na

mídia digital reitera a importância da internet nesse sentido, como eles bem destacam:

Sem dúvida, a internet inverteu o ecossistema comunicacional. Caíram as barreiras e os custos para se tornar um falante, um comunicador. Ao mesmo tempo, aumentaram as dificuldades para ser ouvido, lido ou visto. Assim, as redes passaram a ser ocupadas gradativamente por grupos culturais, religiosos e políticos de diversas matrizes, tamanhos e estilos. [...] A internet não é o espaço de uma única causa. Sua arquitetura distribuída e suas amplas possibilidades de acesso a tornam uma plataforma democrática, podendo ser apropriada pelas diversas culturas e subculturas que aceitam seus protocolos sociotécnicos (VELASCO E CRUZ *et al.*, 2015, p. 215-216).

Velasco e Cruz *et al.* (2015, p. 228) esclarecem ainda mais sobre a paisagem digital da nova direita naquele ano de 2015. Segundo os autores, uma variedade de páginas influentes na direita política estabeleceu uma presença robusta nas redes sociais, incluindo “Revoltados ON LINE”, “Vem Pra Rua Brasil”, “Folha Política”, “Movimento Brasil Livre (MBL)”, “TV Revolta”, “Movimento Contra Corrupção”, “FORA PT”, “Olavo de Carvalho”, “OCC – Organização de Combate à Corrupção”, “Partido Novo”, entre outros. Além destas, as páginas de políticos veteranos que conseguiram ganhar influência nas redes de opinião de direita também desempenharam um papel importante. Destacaram-se entre estes o senador Ronaldo Caiado (DEM-GO) e o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ). Assim, não só estabeleceu uma presença significativa nas redes sociais, mas também utilizou esse espaço para dar destaque a líderes políticos específicos e suas mensagens.

Além disso, Velasco e Cruz *et al.* (2015), ressaltam também que após 2015, esses movimentos conservadores passaram por uma evolução, tornando-se ainda mais diversificados em suas posições políticas e sociais. Enquanto a corrupção e a crítica ao governo continuaram a ser temas centrais, surgiram também questões como a orientação sexual, a política de gênero, a educação, a concepção de família e a política criminal, mostrando uma intersecção entre conservadorismo político e social. Ainda segundo Velasco e Cruz *et al.* (2015), o crescimento e a entrada desses movimentos conservadores no cenário político brasileiro, decorreu principalmente do surgimento e popularização das redes sociais. Tais plataformas, conforme destacam os autores, desempenharam um papel crucial na mobilização de apoiadores e na disseminação de suas mensagens. Grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Movimento Vem Pra Rua conseguiram, por meio das redes

sociais, reunir grande números de seguidores e se estabelecer como vozes importantes na política brasileira a partir desses movimentos.

Em relação a esses grupos em específico, os quais ganharam bastante destaque e crescimento na época, O Movimento Vem Pra Rua (MVPR), por exemplo, emergiu como um marco representativo dos “novíssimos movimentos sociais” de tendência conservadora no Brasil, conforme destaca Oliveira (2022). Criado em 2014, entre o período das manifestações do Movimento Passe Livre (MPL) e a fervorosa campanha eleitoral daquele ano, o MVPR foi fundado com o apoio de grupos políticos que gravitavam em torno do então candidato à presidência Aécio Neves, representante do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Inicialmente, as manifestações do MVPR tinham pouca adesão e apresentavam propostas distintas daquelas das jornadas de 2013. Contudo, com o passar do tempo e o suporte de empresários, políticos, setores da mídia e integrantes insatisfeitos da classe média com as políticas dos governos petistas, os protestos cresceram e se espalharam por várias cidades, mas esses tiveram seu início na cidade de São Paulo (AMARAL, 2016; CHAUI, 2016; BOITO JR., 2016 *apud* OLIVEIRA, 2022).

De acordo com Oliveira (2022), o MVPR se articulava em torno de *slogans* genéricos e simplistas, defendendo “contra tudo que está aí”, contra a “roubalheira”, contra os “maus políticos” e pleiteando por uma alternância de poder. Em 2015, inspirados por protestos similares na Argentina e com o estímulo da mídia tradicional, o MVPR e outros grupos conservadores passaram a organizar “panelaços” durante os pronunciamentos da presidente Dilma Rousseff. Além disso, a bandeira da luta contra a corrupção, amplamente propagada como um problema exclusivo dos governos petistas, conquistou a confiança de setores sociais diversos, desde a classe média até empresários e parte da mídia, amplificando as manifestações de protesto ao governo e o apoio à Operação Lava Jato (Souza, 2016 *apud* OLIVEIRA, 2022).

Seguindo o impeachment da presidente Dilma Rousseff e os avanços da Operação Lava Jato em 2016, o Movimento Vem Pra Rua (MVPR) começou a declinar, tornando-se praticamente invisível na mídia e nas ruas. Seus esforços migraram para as redes sociais, onde apoiaram o governo de Michel Temer e promoveram candidatos para as eleições de 2016. Este apoio resultou na eleição de uma militante do MVPR como vereadora em São Paulo (Borges, 2016 *apud*

OLIVEIRA, 2022). Apesar do declínio aparente, o MVPR desempenhou um papel significativo no “retorno do lado conservador da sociedade brasileira” (OLIVEIRA, 2022, p. 10).

Outro movimento expressivo, o Movimento Brasil Livre (MBL) surgiu no contexto pós-eleitoral de 2014, fruto da insatisfação de eleitores e apoiadores da chapa presidencial derrotada, e contava com o apoio de empresários e políticos conservadores. Este movimento, impulsionado por jovens lideranças do meio cultural de São Paulo e fundações norte-americanas que promoviam o liberalismo econômico, logo se espalhou por quase todos os estados brasileiros, mobilizando-se principalmente por meio das redes sociais (OLIVEIRA, 2022).

Com propostas de combate à corrupção e ao que chamavam de “roubalheira” nos governos e nas empresas públicas, e a promoção do liberalismo econômico e privatização, o MBL, juntamente com o MVPR, se tornou um dos principais articuladores das manifestações contra os governos do PT em 2015 e 2016 (Borges, 2016 *apud* OLIVEIRA, 2022).

Após o impeachment da presidente Dilma Rousseff e o início do governo de Michel Temer, segundo Oliveira (2022), o MBL deixou as ruas, passando a atuar principalmente nas redes sociais e dando suporte às reformas do novo governo, tais como a reforma trabalhista e a PEC nº 55/2016, que limitava os gastos e investimentos públicos do Estado por vinte anos. Neste ponto, o MBL já havia realizado seu primeiro congresso e definido suas propostas, entre elas a defesa do liberalismo econômico, a privatização de serviços e empresas públicas e a reformulação dos programas sociais, configurando um programa neoliberal.

Com o término das manifestações e a consolidação de suas propostas políticas, a relação do MBL com os partidos políticos de direita evoluiu, e o movimento, inicialmente apartidário, começou a se posicionar como um possível partido político em formação, ou um movimento político de direita defensor do neoliberalismo que pretendia influenciar os partidos tradicionais (Oliveira, 2022).

Atualmente, o MBL mantém uma forte presença nas redes sociais, fato facilmente constatável com uma simples busca na internet. Suas principais plataformas de atuação incluem o *YouTube*, onde acumulam mais de 1,2 milhões de seguidores; *Instagram*, onde contam com mais de 590 mil seguidores; e *Twitter*, com

mais de 530 mil seguidores.³ Adicionalmente, eles mantêm um site oficial, “mbl.org.br”, onde disponibilizam informações detalhadas sobre sua identidade, projetos em andamento e princípios e valores, além de uma seção onde o público pode se associar ao movimento. No entanto, apesar de o MBL manter uma atividade expressiva nesses canais de comunicação, sua influência e protagonismo em protestos de rua e manifestações públicas aparentam não possuir a mesma força que exibiam nos primeiros anos de sua trajetória.

Em síntese, entre a variedade de movimentos sociais conservadores que surgiram no Brasil na sequência das manifestações de 2013, o Movimento Vem Pra Rua (MVPR) e o Movimento Brasil Livre (MBL) são os que mais receberam atenção dos estudiosos. Pois, esses movimentos na época se destacaram pela sua capacidade de mobilização e crescimento em âmbito nacional, tornando-se agentes de grande significância no panorama político brasileiro. Mas é importante ressaltar que, apesar de suas particularidades, ambos conseguiram atrair inicialmente um amplo apoio de segmentos variados da sociedade brasileira, em especial do público conservador, que devido a esse fato, em algumas análises, eles foram classificados como movimentos sociais conservadores. Esse suporte foi majoritariamente impulsionado pela sua atuação conjunta em pautas de interesse comum, como o combate à corrupção e a defesa do liberalismo econômico.

Essa ascensão de movimentos conservadores foi possibilitada e amplificada pelo poder mobilizador das redes sociais, ilustrando a importância dessas plataformas na articulação e promoção de agendas políticas no século XXI. Os dois movimentos que emergiram e se destacaram neste contexto demonstram uma evolução significativa e complexa, reflexo do próprio cenário político brasileiro em constante fluxo.

Por fim, é importante frisar que a trajetória e as agendas desses movimentos não se mantiveram estáticas. Apesar de inicialmente atraírem uma base de apoio extensa, eles sofreram transformações e, em determinados momentos, ocorreram desalinhamentos ideológicos, como foi o caso do MBL, com relação a grande parte de seus apoiadores mais conservadores. No próximo capítulo, é abordado este fenômeno de maneira mais detalhada, focalizando no contexto dos movimentos

³ Informações extraídas dos perfis oficiais do Movimento Brasil Livre (MBL) nas seguintes plataformas de mídia social: YouTube (<https://www.youtube.com/@MBLIVRE>), Instagram (<https://www.instagram.com/mblivre/>), e Twitter (<https://twitter.com/MBLivre?s=09>). Acesso em 30 de junho de 2023.

sociais conservadores no oeste de Santa Catarina. O MBL, dentre outros, exerceu uma influência inicial significativa nesta região. Entretanto, à medida que se tornaram mais evidentes alguns pontos de vista do MBL, grupos regionais começaram a traçar seus próprios caminhos, reforçando mais uma vez a dinâmica e a diversidade desses movimentos frente ao cenário político brasileiro.

3. MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES NA REGIÃO OESTE CATARINENSE

Este terceiro e último capítulo se destina à análise aprofundada de alguns dos grupos que formam os movimentos sociais conservadores na região oeste catarinense, com enfoque especial na cidade de Chapecó. Mas antes, para melhor compreender a dinâmica desses movimentos, se faz necessário uma contextualização histórica e social dessa localidade, explorando eventos e processos que moldaram sua formação.

Sendo assim, a seção 3.1 deste capítulo examina o contexto histórico de Chapecó e região, identificando os elementos fundamentais que contribuíram para o desenvolvimento dessa área. Desde os primórdios, partidos políticos e movimentos, tanto Liberais quanto Conservadores, deixaram sua marca em todo o Estado de Santa Catarina, exercendo influência também na região oeste. Essa imersão histórica é vital para a compreensão da complexidade dessa localidade e sua influência nos movimentos sociais contemporâneos. Ademais, na mesma seção, são identificados e descritos alguns dos grupos que compõem os movimentos sociais conservadores em Chapecó, bem como a forma como esses se apresentam nas redes sociais.

Por fim, na seção 3.2, o foco volta-se para a compreensão desses movimentos e a identificação do conservadorismo dentro deles. Realiza-se uma análise temática fundamentada em trechos significativos das entrevistas conduzidas. Busca-se, assim, estabelecer paralelos com as perspectivas de autores conservadores, explorando os aspectos e características do conservadorismo presentes nos movimentos sociais da região oeste catarinense.

Ao explorar esses elementos, este capítulo visa não apenas elucidar as particularidades históricas e sociais da região, mas principalmente proporcionar uma compreensão abrangente dos movimentos sociais conservadores que nela surgiram. A análise contribuirá significativamente para o alcance dos objetivos propostos neste trabalho.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE CHAPECÓ E REGIÃO E IDENTIFICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES LOCAIS

Nesta seção é explorada a história da região oeste catarinense, tendo como ponto central o município de Chapecó, reconhecido como capital regional. São analisados o desenvolvimento histórico, as características sociais e políticas que moldaram essa região, ao mesmo tempo em que são destacados os eventos relevantes que deixaram sua marca na realidade local. Entender o contexto histórico e social de Chapecó é fundamental para uma melhor compreensão da origem e da dinâmica dos movimentos sociais conservadores desta região. Movimentos estes que são abordados na sequência deste mesmo subcapítulo, revelando as nuances e complexidades que permeiam essa localidade.

De acordo com Radin e Corazza (2018), a formação histórica da região oeste de Santa Catarina remonta aos povos indígenas que habitavam essa localidade há muitos séculos. Esses povos, como os Xokleng e Kaingang, foram os primeiros habitantes e dominaram a região até o século XIX. Porém, a partir desse período, a região passou a ser disputada por outros grupos populacionais, incluindo tropeiros e caboclos. Os paulistas foram os primeiros conquistadores, utilizando o “Caminho das Tropas” para conduzir o gado dos campos do sul para o centro comercial de Sorocaba em São Paulo. Com o passar do tempo, novas rotas foram abertas ao longo das quais surgiram pousadas, currais, vilas e fazendas de gado, marcando o início da ocupação e colonização da região oestina.

Segundo Werlang (2006), a região oeste catarinense, conhecida também como o velho município de Chapecó, foi palco de disputas territoriais ao longo dos séculos. No período colonial, Portugal e Espanha disputavam o controle dessas terras, seguido por uma disputa entre Brasil e Argentina no período das independências, e somente em 1895, após arbitragem dos Estados Unidos, a região foi definitivamente incorporada ao Brasil. No entanto, Bellani (1990) explica também que a disputa territorial persistiu entre os estados do Paraná e Santa Catarina, sendo resolvida em 1916 com a divisão do território Contestado.

A exploração sistemática da região ocorreu a partir do século XIX, com a instalação de fazendas de criação de gado e a exploração da erva-mate. E embora tivesse sido criada a Colônia Militar de Chapecó, em 1882, havia pouco interesse do

governo imperial no desenvolvimento socioeconômico da região, conforme explica Werlang:

No início do século 19, o Oeste Catarinense foi ocupado, a partir do Norte, pelas fazendas de criação de gado, seguido da extração de erva-mate. Ainda no final deste século se iniciou a extração de madeira. Mas, apesar da instalação da colônia Militar de Chapecó, em março de 1882, o governo Imperial não demonstrava maior preocupação com o desenvolvimento socioeconômico da região. A ocupação efetiva da região se deu somente a partir de 1917, com a instalação das empresas colonizadoras que passavam a comercializar as terras em madeiras da região. O aumento populacional foi tão intenso que, meio século depois, o Oeste Catarinense foi dividido em diversos municípios constituídos basicamente pela pequena propriedade (WERLANG, 2006, p. 14).

Além disso, Bellani (1990) explica que, no final do século XIX e início do século XX a paisagem natural da região oeste, que consistia em uma vasta floresta e terras férteis, propiciou o surgimento de um novo ciclo econômico na região, conhecido como fase extrativista. A exploração da madeira e sua posterior comercialização, especialmente para a Argentina e o Uruguai, resultaram em transformações significativas na vida socioeconômica e política local ao longo do tempo. Essas mudanças foram impulsionadas pelo aproveitamento dos recursos naturais disponíveis, abrindo caminho para o desenvolvimento da região. É neste cenário que houve um aumento significativo na imigração de europeus para região oeste, imigrantes esses principalmente de origem italiana e alemã, conforme esclarece Bellani:

Esse quadro ofereceu o aparecimento de um novo ciclo econômico na região oestina, a fase extrativista. A extração da madeira e sua comercialização, [...] Entre as diversas causas determinantes dessa nova atividade econômica Regional está justamente o estabelecimento de diversas empresas colonizadoras no território incorporado. Esse processo de colonização, agora mais sistemático, ocorre principalmente em consequência da expansão da área colonial procedente do Rio Grande do Sul, especialmente de imigrantes de origem italiana e alemã. Alia-se a isso a necessidade do próprio governo Catarinense de definitivamente ocupar o espaço territorial concedendo concessões de terras e incentivo às empresas colonizadoras que, na quase totalidade eram filiais das empresas do ramo, sediadas no Estado do Rio Grande do Sul (BELLANI, 1990, p. 16).

Radin e Corazza (2018) esclarecem também que a criação do município de Chapecó, em 1917, representa um marco significativo no desenvolvimento da

região. Inicialmente, o município compreendia uma área aproximada de 14.000 km², abrangendo territórios que atualmente correspondem a diversas microrregiões. “A denominação ‘Região Oeste’ engloba a região conhecida também com ‘Velho Município de Chapecó’” (BELLANI, 1990, p. 12). Com o passar do tempo, “a partir da década de 1950, esse espaço sofreu diversos desmembramentos com a criação de novas unidades político-administrativas no território catarinense” (BELLANI, 1990, p. 12).

O território do município de Chapecó, criado em 25 de agosto de 1917, compõe hoje três microrregiões do Estado de Santa Catarina: AMOSC (Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina); AMEOSC (Associação dos Municípios do Extremo oeste de Santa Catarina) e AMAI (Associação dos Municípios do Alto Vale do Itani) (BELLANI, 1990, p. 12).

Ao longo dos anos, segundo Carbonera *et al.* (2018) a economia da região oeste catarinense passou por quatro ciclos, o primeiro foi o da pecuária, o segundo, da erva-mate, o terceiro o da madeira e, por fim, o agroindustrial. Mas antes da região adentrar efetivamente no quarto ciclo, a produção agrícola de subsistência, baseada nas pequenas propriedades familiares, era fundamental para a sobrevivência e para a troca de produtos essenciais. Quando chegou o período agroindustrial, a região se destacou na suinocultura e avicultura, impulsionada pelo modelo de integração entre produtores e agroindústrias.

A produção de milho casada com a criação de suínos foi fator preponderante no surgimento dos frigoríficos, o que mais tarde veio a destacar Santa Catarina na produção de carnes e derivados. Em 1965 Santa Catarina já se destacava como quarto produtor de suínos no Brasil. No entanto, o número de suínos foi crescendo gradativamente e atualmente o Oeste Catarinense possui o maior rebanho do Estado de Santa Catarina (CARBONERA *et al.*, 2018, p. 300).

Chapecó também desempenhou um papel relevante na chamada “Marcha para o Oeste”, um projeto nacional do governo Vargas que visava consolidar a ideia de nação e a brasilidade, pois “tal projeto também ecoava no Oeste Catarinense, especialmente em Chapecó.” (CARBONERA *et al.*, 2018, p. 73).

Já no contexto político catarinense, é importante enfatizar que conforme mencionado por Bellani (1990), “em Santa Catarina, ao final do império,

encontramos dois partidos: O Liberal e o Conservador” (BELLANI, 1990, p. 21). Esses eram os dois partidos predominantes da época, enquanto o Partido Republicano tinha pouca expressão inicialmente. Somente após a proclamação da República, é que o Partido Republicano começou a ter mais relevância no estado e seu crescimento se deu sob a liderança de Lauro Severiano Muller (BELLANI, 1990).

Coube a Lauro Severiano Muller organizar definitivamente o Partido Republicano em Santa Catarina, com a vitória do movimento republicano. Feito Governador, tentar atrair os militantes dos antigos movimentos conservadores e liberais, conseguindo apoio dos primeiros. Esse período de governo foi caracterizado por diversas crises e divergências entre as lideranças estaduais (BELLANI, 1990, p. 21-22).

Essa contextualização política do final do império nos permite perceber que desde daquela época havia a presença tanto de conservadores quanto de liberais espalhados pelo estado, o que também se refletiu no desenvolvimento da região oeste. Além disso, evidencia a importância das ações do governo federal e as transformações políticas em Santa Catarina para a criação e o avanço de Chapecó como município (BELLANI, 1990).

Segundo Facco *et al.* (2014), a formação e o crescimento de Chapecó estão também diretamente relacionados ao setor agroindustrial, o qual exerce uma forte influência na cidade desde a década de 1950. Esse desenvolvimento agroindustrial transformou tanto o espaço urbano de Chapecó quanto a região oeste de Santa Catarina como um todo. Além do setor agroindustrial, o crescimento do município impulsionou também o desenvolvimento do setor terciário, com a expansão da prestação de serviços e do comércio, impactando significativamente a região.

Além disso, de acordo com Silva e Hass (2017), Chapecó também é marcada por uma perspectiva hegemônica de progresso, onde a história da cidade é vista como uma linha contínua de evolução, enaltecendo valores relacionados à manutenção da ordem e aos interesses da comunidade, predominantemente italiana, fundamentados na ética do trabalho e no projeto desenvolvimentista da região. “Tais valores, neste sentido, constituem a base para a ordem e o progresso” (SILVA; HASS, 2017, p. 342).

Atualmente, Chapecó destaca-se como a maior cidade da região oeste catarinense, tanto em termos populacionais quanto em influência industrial,

abrigando indústrias de grande porte em sua área (FACCO *et al.*, 2014). Dentre essas indústrias, a alimentícia e a moveleira despontam como setores de maior destaque na região, contribuindo de forma significativa para a economia local e regional (CARBONERA *et al.*, 2018). Segundo dados do levantamento do IBGE de 2022, a população do município de Chapecó é de 254.781 habitantes, conforme apresentado no quadro abaixo.

Figura 1 - Censo do IBGE (CHAPECÓ - 2022)

	Área Territorial	624.846 km ² [2022]	
	População	254.781 pessoas [2022]	
	Densidade demográfica	407,75 hab/km ² [2022]	
	Escolarização 6 a 14 anos	98,4 % [2010]	
	IDHM Índice de desenvolvimento humano municipal	0,790 [2010]	▼

Fonte: site IBGE (2023)

A partir dessas informações, fica evidente que compreender o contexto histórico e social que moldou Chapecó e a região oeste de Santa Catarina é fundamental para uma melhor compreensão dos movimentos sociais conservadores que se manifestam nessa área. A imigração e a colonização, os desafios territoriais e políticos, os ciclos econômicos, são elementos que permeiam a trajetória dessa região em constante transformação. Nesse sentido, a seguir é realizada a identificação desses movimentos, buscando assim uma compreensão mais abrangente de sua origem, dinâmica e impacto na sociedade local. Afinal, somente ao considerar todas essas particularidades é possível construir uma análise contextualizada desses movimentos sociais conservadores.

No decorrer da elaboração deste trabalho, foram identificados cinco grupos dos movimentos conservadores de destaque que se manifestavam em Chapecó e região: *Reaças Chapecó* e *Movimento Liberal Conservador (MLC)*, *Movimento*

Margaret 30 (M30), Coalizão Conservadora e Grupo Conservador Catarinense (G2C).

Inicialmente, havia a intenção de realizar entrevistas com representantes e integrantes de todos esses grupos, buscando compreender suas perspectivas e motivações. Porém, durante o processo de contato que foi realizado com alguns participantes desses movimentos através de redes sociais e posteriormente via *WhatsApp*, verificou-se que apenas alguns integrantes de somente três desses movimentos se dispuseram a participar efetivamente das entrevistas, enquanto outros de última hora acabaram optando por não conceder a entrevista.

Dessa forma, foram realizadas entrevistas somente com os membros do grupo Reações Chapecó, Movimento Liberal Conservador (MLC) e do Movimento Margaret 30 (M30). Essas entrevistas forneceram informações fundamentais, desde a história dos movimentos à visão e as motivações de seus participantes, movimentos esses que não se limitam apenas a Chapecó, mas que exercem influência em toda a região oeste catarinense.

O Reações Chapecó, possui um grupo privado no *Facebook* criado em 2014, o qual se autodenomina como um grupo de direita, liberal e conservador, e conta com aproximadamente 200 membros. Entretanto, por se tratar de um grupo privado não foi possível ver e analisar suas postagens.

Já o Movimento Liberal Conservador (MLC) mantém uma página no *Facebook* com 2,4 mil seguidores, através da qual eram compartilhadas convocações e fotos de manifestações de rua. Porém, é importante mencionar que uma das últimas fotos de manifestação registrada é de 2019 e exibe faixas de apoio à operação “Lava Jato”⁴ e à “CPI da Lava Toga”⁵. Além das manifestações, a página também inclui fotos de eventos e difunde pensamentos do espectro político de direita, promovendo o patriotismo e oferecendo outros informativos políticos.

Com base na página do MLC no *Facebook*, é perceptível as várias ações e manifestações que o Movimento Liberal Conservador teve em Chapecó e região.

⁴ Operação Lava Jato foi a maior investigação sobre corrupção realizada no Brasil. A força-tarefa cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e condução coercitiva, e descobriu um megasquema de corrupção na Petrobras envolvendo políticos de diferentes partidos e outras empresas públicas e privadas. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>. Acesso em: 30 set. 2023.

⁵ A CPI da Lava Toga foi uma proposta de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que visava investigar o “ativismo judicial” de autoridades de tribunais superiores, especialmente ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/cpi-da-lava-toga-o-que-e-e-qual-seu-objetivo,3d26d9131177aa3988413acd9bc7ee44gcxkzohf.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

Destacam-se participações em eventos, debates em rádios, presença no Sindicato dos Trabalhadores em Educação - SINTE regional, além da divulgação de palestras. Entre as pautas e temas frequentemente abordados pelo MLC estão questões relacionadas à educação, como o movimento “Escola sem Partido”⁶, e manifestações contra a corrupção. O apoio à Operação Lava Jato, a defesa do “Voto Impresso”⁷, a posição contrária ao aborto e o apoio ao então candidato a Presidência da República Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 também são temas recorrentes nas ações do movimento.

A página do MLC no Facebook também se destaca por compartilhar informações e referências a grandes nomes da política internacional, considerados conservadores e liberais. Exemplos incluem figuras como Ronald Reagan, Margaret Thatcher e Donald Trump. Outro aspecto interessante é a promoção de leituras sobre o conservadorismo, como a recomendação do livro “*A Política da Prudência*” de Russell Kirk. Os registros da página abrangem até meados de 2019, oferecendo uma visão das atividades e posições do Movimento Liberal Conservador em Chapecó até esse período.

⁶ “Escola sem Partido” é um movimento que começou em 2004 e ganhou força em 2015. Ele representa pais, alunos e professores que acreditam que o ensino nas escolas brasileiras está sendo doutrinado, ou seja, que os alunos estão sendo influenciados a seguir uma determinada linha política ou ideológica. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/escola-sem-partido/>. Acesso em: 30 set. 2023.

⁷ A pauta do “Voto Impresso” no Brasil envolve a proposta de que, após o eleitor votar na urna eletrônica, um registro físico do voto seja gerado e depositado automaticamente em um recipiente lacrado. Este registro não passaria pelas mãos do eleitor e serviria para uma auditoria dos resultados da urna eletrônica. Disponível em: <https://www.politize.com.br/voto-impresso-o-que-e/>. Acesso em: 30 set. 2023.

FIGURA 2 - Imagem Perfil Movimento Liberal Conservador



Fonte: Página Facebook - Movimento Liberal Conservador MLC.⁸

Já o Coalizão Conservadora marca sua presença nas redes sociais com uma página no *Facebook*, que conta com 5,1 mil seguidores, e uma página no *Instagram*, com 24 mil seguidores, ambas criadas em 2018. Nessas plataformas, o Coalizão Conservadora divulga uma variedade de conteúdos, incluindo estudos, informativos jornalísticos, *lives*, eventos, críticas políticas e convites para manifestações de rua. As páginas servem como importantes meios de comunicação para disseminar suas propostas e ideias no âmbito conservador.

FIGURA 3 - Imagem da página Coalizão Conservadora



Fonte: Página do Facebook Coalizão Conservadora⁹

⁸ MOVIMENTO LIBERAL CONSERVADOR. Facebook: **MovLiberalConservador**. Junho de 2017, Disponível em: <https://www.facebook.com/MovLiberalConservador>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

⁹ COALIZÃO CONSERVADORA. Facebook: **Coalizão Conservadora**. 23 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/coalizaconservadorasc>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

Outro Movimento a se destacar é o “Margaret 30” (M30) presente no *Facebook*, e conta com 3,5 mil seguidores. Sua principal missão é produzir e divulgar conteúdo com o propósito de unir brasileiros em torno de suas propostas, conforme descrito em sua página oficial. A página destaca-se por abordar variados temas, predominantemente com críticas políticas, especialmente direcionadas ao espectro progressista. Além disso, o movimento defende pautas específicas, como por exemplo: a posição contrária ao aborto e à linguagem neutra. Uma característica marcante é o compartilhamento de pensamentos e ideias políticas de orientação de direita, acompanhados de citações de renomados líderes políticos internacionais conservadores, incluindo figuras como Ronald Reagan e Margaret Thatcher.

O engajamento do M30 não se limita ao âmbito nacional, estendendo-se à promoção de discursos e falas de líderes políticos internacionais que compartilham perspectivas conservadoras. Vale ressaltar que a página registra seu último post em 22 de setembro de 2022, demonstrando apoio à reeleição do então presidente Jair Bolsonaro, evidenciando assim sua participação ativa no cenário político contemporâneo.

FIGURA 4 - Imagem perfil M30



Fonte: Imagem perfil da página de Facebook do Movimento Margaret 30¹⁰

¹⁰ MOVIMENTO MARGARET 30. Facebook: **Movimento Margaret 30**, 27 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/MovimentoMargaret30>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

Em relação ao G2C Grupo Conservador Catarinense, é válido notar que, ao iniciar esta pesquisa, o grupo mantinha uma presença ativa em uma página no Facebook. Contudo, é relevante mencionar que, no cenário atual, não são mais identificadas páginas ativas nas redes sociais associadas a este grupo. Em contrapartida, na época objeto deste estudo, o G2C dispunha de um site próprio, o qual servia como plataforma informativa. Neste site, eram oferecidas informações detalhadas acerca dos princípios do grupo, abordando conceitos fundamentais relacionados ao conservadorismo. Ademais, eram explicitados os objetivos do grupo, bem como delineadas as normativas que regiam a participação nos seus espaços virtuais.

FIGURA 5 - Imagem Perfil do site G2C



Fonte: Site Grupo Conservador Catarinense.¹¹

Durante a fase inicial da elaboração deste trabalho, constatou-se que todos os grupos mencionados anteriormente contavam com representantes e integrantes atuantes na região oeste catarinense, especialmente na cidade de Chapecó, onde esses indivíduos desempenhavam um papel significativo nos movimentos conservadores locais, o que justifica a breve apresentação desses grupos nessa parte inicial. Vale ressaltar que, devido à natureza dos movimentos e à falta de fontes bibliográficas formais, as fontes de informação sobre esses grupos são as

¹¹ GRUPO CONSERVADOR CATARINENSE. **G2C**. Disponível em: <https://g2c.adm.br/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

redes sociais e principalmente as entrevistas realizadas posteriormente com alguns de seus membros.

É importante enfatizar também que os grupos mencionados acima, devido à presença de suas páginas em redes sociais, podem alcançar um público muito mais amplo. Isso significa que não se limitam apenas à região oeste catarinense. Por exemplo, o Coalizão Conservadora, e o G2C são grupos que se estendem por todo o estado de Santa Catarina. Porém, esses grupos também se manifestam e exercem influência nos movimentos conservadores da região oeste catarinense, os quais desempenham um papel significativo na formação e no engajamento dos movimentos sociais conservadores locais, trazendo consigo perspectivas e motivações que são compartilhadas por muitos indivíduos da região.

Em relação às redes sociais como meio para a organização desses movimentos, cabe aqui mencionar uma citação de Manuel Castells que ressalta o papel crucial das plataformas digitais na criação e na mobilização dos movimentos sociais, ele diz que:

ao longo da história, os movimentos sociais são produtores de novos valores e objetivos em torno dos quais as instituições da sociedade se transformaram a fim de representar esses valores criando novas normas para organizar a vida social. Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre de controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (CASTELLS, 2013, p. 12).

Quanto às informações coletadas nas redes sociais sobre os movimentos conservadores em Chapecó, essas são também um ponto de partida para a compreensão de sua presença e atuação na região oeste catarinense. Contudo, a verdadeira essência e significado desses movimentos foram revelados por meio das entrevistas realizadas com membros do Reaças Chapecó, do Movimento Liberal Conservador (MLC) e do Movimento Margaret 30 (M30). Tais entrevistas forneceram uma visão mais aprofundada sobre a história, os objetivos e as motivações desses movimentos sociais conservadores.

É relevante salientar que os entrevistados que participaram dessas entrevistas foram aqueles que estiveram envolvidos na formação desses movimentos e que estavam disponíveis para compartilhar suas experiências. Portanto, a maioria dos relatos das entrevistas abrange o período de 2013 a 2019, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre o desenvolvimento desses movimentos ao longo do tempo.

Ao analisar as entrevistas, será possível identificar as principais características, temas e objetivos que permeiam esses grupos conservadores. Além disso, essa análise permitirá compreender como esses movimentos exercem influência na região e como contribuem para a construção do cenário político e social em Chapecó e no oeste catarinense como um todo.

3.2 COMPREENSÃO E IDENTIFICAÇÃO DO CONSERVADORISMO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONSERVADORES DE CHAPECÓ E REGIÃO

Neste subcapítulo, promove-se a discussão temática complementada por “partes das entrevistas”¹² conduzidas com membros dos movimentos sociais conservadores em Chapecó. Como já mencionado, apenas alguns integrantes de três grupos desses movimentos concordaram em participar das entrevistas. Sendo que alguns entrevistados consentiram em ter seus nomes mencionados, enquanto outros optaram por permanecer anônimos, conforme garantido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A seleção dos entrevistados para este estudo foi baseada em critérios específicos, seguindo a orientação de Alberti (2004, p.31) que enfatiza a importância de considerar a posição e significado da experiência do entrevistado, em vez de se basear apenas em critérios quantitativos ou amostragens. Assim, inicialmente, foram selecionados indivíduos que eram integrantes e apoiadores dos movimentos e grupos abordados nesta pesquisa. Além disso, procurou-se entrevistar pessoas notoriamente reconhecidas no âmbito dos movimentos conservadores da região oeste de Santa Catarina. Por fim, era necessário que os entrevistados estivessem

¹² Neste subcapítulo, são destacadas as partes mais relevantes das entrevistas para fundamentar a discussão temática. Essas entrevistas foram realizadas com os participantes dos grupos que compõem os movimentos sociais conservadores no oeste catarinense.

aptos e dispostos a conceder a entrevista, demonstrando interesse em compartilhar suas perspectivas e experiências.

Ainda segundo Alberti (2004, p.31-32), é importante escolher entrevistados que tenham participado, vivenciado, presenciado ou se informado sobre ocorrências e situações relacionadas ao tema, capazes de fornecer informações significativas. Por isso, a escolha dos participantes se deu com base em metodologia qualitativa, pois uma pesquisa de história oral se assemelha “à escolha de ‘informantes’ na antropologia, não como unidades estatísticas, mas como unidades qualitativas, considerando sua relação com o tema estudado, seu papel estratégico e sua posição no grupo” (ALBERTI, 2004, p.32). Além do mais, Alberti destaca como a entrevista deve transcorrer e que se deve haver respeito sobre as convicções e opiniões do entrevistado(a):

O ideal, numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na construção, na reflexão e na interpretação do passado. [...] Assim cabe ao entrevistador, em primeiro lugar e principalmente, respeitar o entrevistado enquanto produtor de significados diferentes dos seus, e de forma nenhuma tentar dissuadi-lo de suas convicções e opiniões (ALBERTI, 2004, p. 102).

As entrevistas foram conduzidas individualmente, respeitando a disponibilidade de cada entrevistado(a), em locais por eles escolhidos para proporcionar conforto e onde os mesmos pudessem se sentir mais à vontade. Em virtude disso, foi realizado o deslocamento até os respectivos locais indicados, a fim de garantir um ambiente propício para o diálogo e uma maior comodidade a cada participante.

Foram realizadas um total de sete entrevistas com participantes e ativistas desses grupos selecionados, sendo todas, com exceção de uma, gravadas em áudio, após a autorização prévia de cada entrevistado(a) por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) garantindo a confidencialidade e o uso ético das informações compartilhadas. No caso específico da entrevista em que não foi feita a gravação, foi respeitada a decisão do entrevistado em não querer gravar o diálogo. Vale ressaltar que todas as demais entrevistas foram devidamente registradas em áudio e transcritas de forma fidedigna ao que foi falado para assim garantir a precisão na análise posterior.

É importante enfatizar também que cada entrevista teve suas particularidades, levando em consideração as preferências e a disponibilidade dos entrevistados. Com base no respeito aos mesmos, cada um deles optou por responder apenas às perguntas com as quais se sentiram mais à vontade. Como resultado, houve variações na extensão e quantidade de questões em cada entrevista. Por esse motivo, nem todas foram concluídas com a mesma pergunta ou da mesma forma, e também a duração e o tempo disponível para cada uma delas variaram. A intenção foi garantir que os entrevistados se sentissem à vontade para compartilhar suas opiniões e experiências sobre os movimentos sociais conservadores da região do Oeste de Santa Catarina.

Portanto, o objetivo é compreender a trajetória, perspectivas, motivações e objetivos desses movimentos através de seus integrantes. Além disso, utilizando as importantes informações obtidas, busca-se identificar as características e princípios do conservadorismo presentes nesses grupos. A análise dos dados coletados proporcionará uma visão mais clara sobre os movimentos sociais conservadores na região oeste catarinense e sua influência no contexto político e social local, como veremos a seguir ao abordar falas de membros dos grupos que compõem esses movimentos.

Seguindo a ordem cronológica da formação desses grupos, o primeiro a ser descrito nas entrevistas é o “Reaças Chapecó”. Este grupo emerge como um dos pioneiros nos movimentos sociais conservadores na região oeste catarinense. Marcelo Otowicz Silva¹³, um dos fundadores, explica que o grupo não se configurava como um partido político, mas sim como uma comunidade ativa nas redes sociais. Conforme relatado na entrevista com Marcelo, o “Reaças Chapecó” teve sua origem no período entre 2013 e 2014, inicialmente ganhando espaço no *Facebook* e, posteriormente, expandindo sua presença para o *WhatsApp*. O objetivo inicial do grupo, segundo o entrevistado, era proporcionar um espaço de discussão e compartilhamento de ideias entre pessoas que se identificavam como liberais conservadores.

Em 2015, o grupo “Reaças Chapecó” esteve ativamente envolvido nos debates nacionais sobre a “redução da maioria penal”. De acordo com Marcelo

¹³ (Entrevista realizada dia 01/12/2022). Marcelo Otowicz Silva, que autorizou o uso do seu nome neste trabalho, foi um dos fundadores do grupo “Reaças Chapecó” e posteriormente também do Movimento Liberal Conservador (MLC).

Otowicz Silva, esse ano foi marcado por discussões acaloradas e pela realização de audiências públicas sobre o tema. Em meio a esses debates, o grupo participou ativamente de uma discussão na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) de Chapecó, onde se deparou com o movimento liderado pela então advogada Caroline De Toni¹⁴ (na época, Caroline De Toni era uma das representantes do MBL na região oeste catarinense). Após esse encontro e as reflexões decorrentes do debate, Marcelo e Caroline, juntamente com outros ativistas, decidiram unir forças e deram origem ao Clube Liberal Conservador, que algum tempo depois evoluiu para o Movimento Liberal Conservador (MLC).

Otowicz conta que o primeiro movimento do MLC em Chapecó foi com a pauta “Escola sem Partido” com panfletagens em frente a algumas escolas, e que teve a participação de umas 30 pessoas nessa ação. Depois desse primeiro movimento, ele explica que o MLC começou a ganhar ainda mais força através das redes sociais, principalmente em grupos de *whatsapp*. Relata ainda que em 2015 o então deputado Jair Bolsonaro veio a Chapecó para uma visita a sede do PP, e que nessa ocasião o grupo “Reações Chapecó” foi conversar com o deputado, onde declararam apoio a Jair Bolsonaro caso ele resolvesse ser candidato à Presidência da República em 2018.

Além disso, segundo Marcelo, o MLC atuou em diversas ações, debates e manifestações de rua, em prol de muitas pautas consideradas importantes para os conservadores, como evidenciado nos registros das redes sociais do MLC conforme mencionado na seção anterior deste trabalho. Quando perguntado sobre a organização desses movimentos sociais, ele respondeu que “esses movimentos sociais conservadores são informais e não possuem um manual de instruções, e o que promove a união desses movimentos, são os princípios e valores.” Essa abordagem está alinhada com o conceito de Gohn (1997), que, ao explicar os movimentos sociais, destaca a importância da “identidade comum”. Tal identidade

¹⁴ Caroline De Toni desempenhou um papel fundamental na trajetória dos movimentos conservadores na região oeste. Inicialmente, ela atuava como uma das integrantes e representantes do Movimento Brasil Livre (MBL) na localidade, conforme narrado por Marcelo na entrevista. Posteriormente, De Toni, junto a Marcelo e outros membros, fundaram o Movimento Liberal Conservador (MLC). Após participarem de diversas manifestações pelo MLC, perceberam a necessidade de impactar diretamente na esfera política para efetuar mudanças significativas. Diante dessa constatação, Caroline De Toni, movida pelo desejo de fazer a diferença, colocou-se à disposição para concorrer ao cargo de Deputada Federal nas eleições de 2018. Com êxito, ela foi eleita e, posteriormente, conquistou a reeleição para o mesmo cargo em 2022, representando o Estado de Santa Catarina.

atrai indivíduos ao grupo e ao movimento, pois compartilham afinidades com suas pautas, ideais, princípios e valores.

Em relação a essa questão de “identidade comum”, Daniel,¹⁵ que foi também um dos fundadores do MLC, destaca que os movimentos sociais conservadores da região oeste, incluindo o MLC, fundamentaram-se nos princípios do conservadorismo. Ele menciona dois renomados autores conservadores, Russell Kirk e Roger Scruton, e diz que “o conservador não quer romper a ordem, não quer revolução, quer manter a ordem, aproveitar o que é bom e descartar o que é ruim” conferindo especial ênfase à influência da ordem cristã. Daniel ressalta: “a união das pessoas ao movimento, eu digo assim, que o maior ponto de ligação, o elo maior, é a doutrina cristã”.

Maria¹⁶, outra integrante do MLC, reforça essa perspectiva, especialmente ao explicar por que se considera uma pessoa conservadora. Segundo ela, “me considero uma conservadora, já que me identifico com os valores conservadores, [...] valores que têm uma raiz cristã, principalmente a raiz cristã”. Em continuidade, Maria explana que “a justiça romana é a base da justiça do ocidente, e alguns valores da filosofia clássica greco-latina. Esses três pilares estruturam [...] a cultura conservadora atual. Mas a cultura cristã é a principal base do conservadorismo”.

Esse mesmo entendimento é evidente no relato de outro entrevistado chamado Glauco¹⁷, participante do grupo M30¹⁸, que integra os movimentos sociais conservadores do oeste catarinense. Ao explicar que esses movimentos não representam uma classe social específica, mas são constituídos por pessoas das mais diversas classes sociais, Glauco destaca que “os conservadores, as pessoas que, enfim, se sentem atraídas, se identificam com o conservadorismo, elas pertencem às mais diversas classes, aos mais diversos segmentos sociais”.

¹⁵ (Entrevista realizada dia 30/11/2022). Daniel, que autorizou o uso do seu nome neste trabalho, foi um dos fundadores do MLC ao lado de Marcelo e Caroline De Toni, teve uma participação significativa nos movimentos sociais conservadores do oeste de Santa Catarina.

¹⁶ (Entrevista realizada dia 21/12/2022). Maria é um pseudônimo utilizado para resguardar a identidade da entrevistada, em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

¹⁷ (Entrevista realizada dia 26/11/2022). Glauco P. Gazoni, um indivíduo engajado nos debates políticos e sociais da atualidade. Glauco, que autorizou o uso de seu nome na entrevista, é um participante do Movimento M30.

¹⁸ Margareth 30 (M30) é um grupo de viés conservador originado no *WhatsApp* e posteriormente expandido para o *Facebook*, permitindo acesso público. Este grupo é reconhecido por fomentar discussões políticas e a troca de ideias alinhadas ao conservadorismo, influenciando os movimentos sociais conservadores na região oeste catarinense, conforme apontam seus participantes e entrevistados.

Complementando essa explicação, ele afirma que “o que une toda essa gente são alguns princípios, alguns valores, que têm a ver com a tradição, do nosso povo [...] com a própria civilização ocidental de base cristã”.

Daniel, ao ser questionado sobre se os movimentos sociais conservadores estão vinculados ou representam uma classe social específica, respondeu que esses movimentos são compostos por “todas as classes [...] da mais baixa até a mais alta, né”. Ele complementa afirmando que “o que une são justamente os princípios conservadores: a garantia da lei, garantia da ordem, bons costumes, moral, fora corrupção, né”.

Alguns desses pontos apresentados até o momento nos relatos dos entrevistados, especialmente quando falam sobre o que une as pessoas a esses movimentos sociais conservadores, eles destacam a ênfase na manutenção da ordem, a oposição à revolução e valores ancorados na tradição, classificando a ordem cristã como primordial. Com base nisso, pode-se estabelecer um paralelo com a ordem moral transcendente que faz parte da estrutura do pensamento conservador. Nesse sentido, “a ordem espiritual e moral interna da pessoa está intimamente relacionada à ordem social externa, que, por sua vez, está sustentada em tradições e instituições concretas” (KIRK, 2020, p. 47).

A família, a propriedade, a liberdade, a defesa da vida, são outros aspectos e características do conservadorismo identificados nas falas dos entrevistados, principalmente quando questionados sobre os pilares essenciais e os valores que servem como base para atuação desses movimentos. Esses aspectos recebem ênfase considerável, o que leva a entender que esses são também pontos fundamentais que os movem nas mobilizações dos movimentos sociais aos quais participam. Sob a perspectiva sociológica de Max Weber (2010), deve-se buscar entender qual é sentido que os indivíduos dão às suas ações, e com base nas entrevistas, algumas dessas ações podem ser classificadas tanto como ação social racional com relação a valores quanto ação social tradicional. Nesse contexto, as palavras de Leonardo Granzotto¹⁹, um dos fundadores do M30, destaca-se: “que o conservador, tem uma visão em primeiro lugar, defesa da liberdade, defesa da propriedade, defesa da vida, e defesa da família.” Essa visão é corroborada por

¹⁹ (Entrevista realizada dia 25/11/2022). Leonardo Granzotto, membro ativo e um dos fundadores do grupo Margaret 30 (M30). Leonardo autorizou o uso do seu nome neste trabalho.

Pedro²⁰, o qual menciona que um dos objetivos do MLC é “conservar a liberdade religiosa, conservar a vida, impedir o aborto, conservar as famílias, impedindo a liberação das drogas”.

Fazendo um paralelo aos escritos de Russell Kirk, torna-se evidente que os temas citados pelos entrevistados refletem os fundamentos do conservadorismo, como por exemplo, a valorização da família. Segundo Kirk, “o conservador sabe que sem a família, nada de maior importância na cultura será preservado ou aprimorado [...] a família é a verdadeira comunidade voluntária, inspirada pelo amor e pelo conhecimento comum” (KIRK, 2021, p. 45). Além disso, outros aspectos importantes também são destacados, como propriedade e liberdade. Conforme Kirk enfatiza, “a propriedade e a liberdade estão entrelaçadas [...] Os conservadores evidentemente valorizam a propriedade privada porque sem a propriedade particular todos estariam à mercê de um governo onipotente” (KIRK, 2021, p. 15).

Os movimentos sociais conservadores do oeste catarinense foram frequentemente impulsionados por questões que tocam nos valores fundamentais desses grupos, como relatado por Maria, integrante do MLC. Segundo ela, “sempre que surgia algum tema que ferisse os valores conservadores, nós nos reuníamos para participar de manifestações junto com outros grupos em Chapecó”. Maria menciona exemplos específicos dessas manifestações, como o apoio ao “Escola sem Partido, a favor da prisão em segunda instância, em defesa da Operação Lava Jato e a posição contrária ao aborto”. A análise desses exemplos à luz das entrevistas revela conexões com questões essenciais do conservadorismo. O apoio ao “Escola sem Partido”, por exemplo, reflete a preocupação dos pais com a educação dos filhos, alinhando-se com os valores familiares. Já a posição favorável à Lava Jato e à prisão em segunda instância está relacionada à busca pela honestidade na política, convergindo com a ordem moral defendida pelos conservadores. A oposição ao aborto, por sua vez, está enraizada na defesa da vida, destacando-se como mais um dos valores fundamentais desses movimentos.

²⁰ (Entrevista realizada dia 02/12/2022). Pedro é um pseudônimo utilizado para resguardar a identidade do entrevistado, em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Pedro foi um dos integrantes do Movimento Liberal Conservador (MLC), atuando nesse movimento desde o seu início,

Wilson Cidrão²¹, ao abordar o assunto movimentos sociais conservadores da região oeste catarinense, faz uma afirmação um tanto quanto intrigante, ele diz que “a maioria da população de modo geral é conservadora se você for avaliar, é conservadora pelo histórico, pela própria etimologia da palavra”. Ele complementa essa visão ao explicar que “os conservadores são aqueles que não querem mudanças drásticas [...] eles acreditam no progresso gradual”. Cidrão relata sua participação desde os estágios iniciais do MLC, quando ainda era o Clube Liberal Conservador, que, na época, este “tinha como objetivo realizar encontros periódicos para compartilhar leituras”. No entanto, com o tempo, ele observou que o mesmo estava se transformando mais em uma ferramenta de manifestação, levando à transição para o Movimento Liberal Conservador (MLC). Em consonância com seu entendimento, ele destaca que, “o movimento conservador é aquele que luta pela preservação da ordem, por uma evolução gradual, e contra as revoluções”. Essa afirmação está alinhada ao conceito de mudança prudente, conforme explicado por Kirk, “a mudança prudente é o meio da preservação social” (KIRK, 2020, p. 87).

Esses movimentos conservadores, conforme relatado pelos entrevistados, tem seu epicentro predominantemente no município de Chapecó, mas sua influência se estende por toda a região oeste. Maria (MLC) enfatiza que esses movimentos “sempre tiveram integrantes de Chapecó e da região oeste, né, Xanxerê, Xaxim e Saudades”. Essa visão é corroborada por Daniel, que explica que “no início era somente de Chapecó, mas logo depois começou a chegar gente de fora, da região, das cidades de Xaxim, Xanxerê, Pinhalzinho e São Miguel”. Além disso, Daniel (MLC) destaca que “eles vinham para Chapecó no dia que a gente ia fazer a manifestação”. Dessa forma, fica claro que esses movimentos não se limitavam somente a pessoas de Chapecó, abrangendo indivíduos de vários municípios que compõem grande parte da região oeste.

Outro aspecto relevante sobre esses movimentos é o momento que marca o início das mobilizações e formação dos diversos grupos que compõem os movimentos sociais conservadores. Vários relatos convergem para o mesmo ano, como destacado por Daniel (MLC): “2013 foi o ano inspirador para os movimentos de direita e conservadores no Brasil, mas o ano em que o movimento conservador

²¹ (Entrevista realizada dia 06/07/2022). Wilson Júnior Cidrão, o qual gentilmente concordou em ter seu nome divulgado neste trabalho. Wilson foi um dos participantes ativos do Movimento Liberal Conservador (MLC), e atualmente atua como vereador no município de Chapecó.

começou a ganhar realmente corpo e força aqui na região oeste foi a partir de 2014”. Essa percepção é compartilhada também por Leonardo (M30), que menciona o envolvimento da população nas manifestações de rua a partir de 2013, seguido de um contínuo engajamento nos anos seguintes: “movimentos de rua de 2013, e seguiram em 2014, 2015, 16, 17, 18, enfim..., essas pessoas continuaram”. Pedro (MLC) corrobora esse ponto ao afirmar que “começou lá em São Paulo, lá por 2013 né, tomou corpo. E lá por 2014 a gente começou a se movimentar aqui”.

Além disso, é importante ressaltar, conforme comentado por Wilson Cidrão (MLC), que os movimentos sociais conservadores da região oeste são formados pela soma de diversos grupos. Ele cita alguns deles, “Nas Ruas, Endireita Chapecó, Movimento Liberal Conservador e Brasil acima de tudo”. Wilson ressaltava a existência de muitos outros grupos que, embora não sejam explicitamente nomeados, fazem parte desse amplo conjunto. Ele observa que, “há vários outros grupos de *WhatsApp*, e acho que essa é uma ferramenta muito importante de mobilização”. Ademais, Wilson destaca a complexidade ao falar sobre movimentos conservadores, citando como exemplo a dificuldade de rotular movimentos que naturalmente têm uma inclinação conservadora. Ele ilustra com o seguinte exemplo: “por ser um movimento natural, ninguém intitula, movimento conservador em favor do Presidente Bolsonaro²² por exemplo. É um movimento em favor do Presidente Bolsonaro, que tem um viés conservador.” Assim, segundo ele, naturalmente, é um movimento conservador.

Wilson não é o único na entrevista a mencionar esse apoio dos movimentos sociais conservadores ao ex-presidente Jair Bolsonaro, outros participantes também comentaram sobre esse assunto, como por exemplo o Daniel (MLC), que fala sobre isso, principalmente do apoio que os movimentos deram à candidatura de Bolsonaro no ano de 2018. Em relação a essa época, Daniel diz: “e vimos no Bolsonaro um representante dos nossos movimentos conservadores, pois ele tinha aquela pauta conservadora, e a veia liberal era o Guedes, [...] Então, o Bolsonaro conseguiu juntar liberais e conservadores, foi perfeito!”, mas explica também que um tempo após as eleições de 2018 o movimento ao qual ele era membro ativo, o MLC, foi perdendo engajamento. Daniel diz: “depois da eleição do Bolsonaro, diminuiu bastante isso, foi meio que um sentimento de dever cumprido”.

²² Na época da entrevista feita com Wilson Cidrão em 06 de dezembro de 2022, Jair Bolsonaro ainda era o Presidente da República.

Grande parte dos relatos nas entrevistas abrange o período de 2013 a 2019, durante o qual a maioria dos entrevistados estava mais ativamente envolvida nos movimentos sociais conservadores. Há poucas informações sobre as atividades mais recentes desses movimentos. No entanto, é notável que o nome do ex-presidente Jair Bolsonaro tenha sido frequentemente mencionado nas entrevistas, indicando que os participantes o consideram um representante político crucial para esses movimentos. Eles expressaram apoio a Bolsonaro tanto na eleição de 2018 quanto posteriormente em 2022, conforme evidenciado em trechos selecionados da entrevista completa.

Nesse contexto, é relevante destacar o slogan de 2018, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”²³, e a frase recorrentemente utilizada em sua campanha de 2022, “Deus, pátria, família e liberdade”²⁴. Essas expressões incorporam as crenças e valores fundamentais que esses participantes defendem. O destaque dado a Deus nessas mensagens é consistente com a tradição do conservadorismo, na qual a relação entre Deus e a sociedade humana é vista como um contrato imortal, como descrito por Russell Kirk: “O conservador é a pessoa que vê a sociedade humana como um contrato imortal entre Deus e o homem, e entre as gerações que já passaram, a geração que vive agora e as gerações que ainda estão por vir” (KIRK, 2021, p. 20). Além disso, a ênfase na família e na liberdade como conceitos primordiais no conservadorismo destaca-se como elementos importantes encontrados nos relatos desses entrevistados.

Em análise feita sobre os relatos das entrevistas completas, entende-se que os movimentos sociais conservadores são compostos por diversos grupos com diferentes denominações. Com base nas entrevistas, esses movimentos têm uma presença significativa na cidade de Chapecó, e também acabam por exercer uma influência e impacto expressivos na região oeste catarinense, o que justifica sua designação como movimentos sociais conservadores do oeste de Santa Catarina. É importante observar que, de acordo com as descrições feitas nas entrevistas, no início desses movimentos, haviam poucos grupos, nos quais os entrevistados estavam ou ainda estão envolvidos. Porém, eles enfatizam que atualmente os

²³ Informações encontradas na página oficial de Jair Bolsonaro no *Facebook*, slogan de 2018, Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1020872591395060&set=a.522422389235187>. Acesso em: 09 out. 2023.

²⁴ Informações encontradas na página oficial de Jair Bolsonaro no *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=798891911588232&set=a.522422389235187>. Acesso em: 09 out. 2023

movimentos sociais conservadores estão mais orgânicos e contam com um maior número de grupos, não havendo lideranças centralizadas. Daniel (MLC) complementa dizendo: “os nossos movimentos sociais aqui do oeste não eram financiados, eram orgânicos, e unidos por uma bandeira de princípios conservadores, e liberais na economia”. Outro ponto perceptível é que a maioria dos relatos sobre esses movimentos abrange um período compreendido entre 2013 a 2019, pois os entrevistados compartilharam suas trajetórias durante o período em que estiveram mais ativamente envolvidos nesses movimentos.

As entrevistas proporcionaram uma visão geral desses movimentos, abordando sua trajetória, motivações, e os principais meios para sua organização e mobilização, além de revelar como os participantes se identificam como conservadores e como esses percebem e compreendem esses movimentos na sociedade. Portanto, foi fundamental indagar os entrevistados sobre os motivos pelos quais se consideram conservadores, uma vez que um movimento social é constituído por pessoas que se unem por meio de ideias e uma visão de mundo. A partir das respostas obtidas, foi possível obter uma compreensão mais clara da visão e do entendimento desses indivíduos que compõem tais movimentos.

As respostas revelaram as seguintes características: eles se identificam como conservadores por serem contrários a mudanças radicais, ou seja, revoluções; são defensores da preservação de valores e tradições que comprovaram sua eficácia ao longo do tempo; e são conservadores também em virtude de seus valores cristãos e da ordem cristã, os quais, segundo eles, esses valores são os fundamentos da sociedade ocidental. Além disso, alguns ressaltaram que ser conservador não implica ser contrário a mudanças, mas sim a favor de transformações graduais e prudentes.

Já nas primeiras questões foi possível identificar algumas características e princípios do conservadorismo, princípios esses que foram apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, com base em alguns pensadores como, Edmund Burke, Russell Kirk e Roger Scruton. Essas características incluem a ênfase na preservação da tradição e dos valores religiosos, bem como a oposição a mudanças abruptas e radicais, destacando-se a importância da prudência, um aspecto muito enfatizado no conservadorismo, que busca mudanças de forma gradual e cautelosa. Esses elementos fundamentais do conservadorismo foram evidenciados nas respostas dos entrevistados.

Posteriormente, foram abordadas questões específicas sobre os movimentos dos que eles estavam ou estiveram envolvidos. É importante observar que alguns dos entrevistados já não são tão ativos nesses movimentos, porém, desempenharam um papel fundamental no processo de formação dos mesmos, e se disponibilizaram em conceder as entrevistas. Ao serem questionados sobre tal assunto, cada entrevistado compartilhou sua perspectiva, fornecendo informações sobre o processo de desenvolvimento, eventos e períodos que desencadearam grandes manifestações, além de como os movimentos sociais conservadores começaram a se organizar na região oeste de Santa Catarina, especialmente na cidade de Chapecó.

Cada relato foi baseado na experiência pessoal dentro do grupo ao qual pertenciam ou ainda pertencem. No entanto, foi possível notar que todos os relatos convergem para os mesmos fatos, motivações e eventos que impulsionaram o crescimento e a união das pessoas para formação desses movimentos. Segundo os participantes, esses acontecimentos ganharam força em todo o Brasil principalmente a partir de 2013 e, em seguida, alcançaram o oeste catarinense. Outro aspecto interessante mencionado por eles é o uso generalizado das redes sociais, especialmente o *WhatsApp*, como meio de comunicação para formação e organização desses grupos, sendo esse um elemento comum que se destaca nas entrevistas.

As características do conservadorismo foram identificadas principalmente quando os participantes foram questionados sobre os fundamentos desses movimentos. As respostas apontaram para a preservação da ordem e moralidade, a valorização da ordem cristã, a busca pela justiça, a defesa da liberdade religiosa e a valorização e proteção da instituição familiar. Tais características estão alinhadas com o conservadorismo, e cabe aqui mencionar apenas algumas citações para estabelecer essa relação, “Homens e nações são governados por leis morais; essa legislação se origina numa sabedoria que não é meramente humana” (KIRK, 2021, p. 14). “O conservador acredita na existência de uma ordem moral duradoura e entende que a palavra ordem significa harmonia” (KIRK, 2020, p. 44). “Uma boa sociedade é aquela que se caracteriza por alta ordem, justiça e liberdade, sendo a ordem o elemento primordial” (KIRK, 2020, p. 47). “O conservador sabe que sem a família, nada de maior importância na cultura será preservado ou aprimorado” (KIRK, 2021, p. 45). Portanto, ao analisar as respostas dos entrevistados, foi

possível evidenciar a presença de características do conservadorismo dentro desses movimentos sociais.

Mas é importante destacar algumas observações e contrapontos sobre as entrevistas. Em certos momentos, foi percebido que alguns participantes ao serem questionados sobre determinados assuntos, pareciam se estender demais em suas respostas, às vezes fugindo um pouco do foco da pergunta inicial. Contudo, ao analisar mais atentamente essas respostas, tornou-se evidente que esse comportamento se dava pelo fato dos entrevistados se sentirem à vontade para compartilhar sua trajetória e os acontecimentos que levaram a determinadas perspectivas e posicionamentos.

Em relação aos motivos que levaram ao surgimento e crescimento desses movimentos, observou-se que houve uma conjunção de fatores. De acordo com a narrativa de alguns participantes, um dos primeiros motivadores foi a questão das grandes mobilizações com o slogan “não é só por 20 centavos”²⁵ que iniciou em 2013, e que acabou por inflamar grande parte da população encorajando as pessoas a irem às ruas. Posteriormente, as denúncias de corrupção governamental durante a operação lava jato foram apontadas por eles como o grande estímulo para a formação dos movimentos, pois despertaram um sentimento de indignação e uma vontade de lutar por justiça.

Além do mais, é evidente nos relatos a importância das redes sociais, com destaque para o *WhatsApp* como ferramentas fundamentais na formação e organização desses grupos. Segundo os entrevistados, essas plataformas digitais desempenharam um papel essencial ao facilitar a comunicação e conectar pessoas que compartilham valores e ideias semelhantes, impulsionando assim o crescimento e a mobilização dos movimentos sociais conservadores não apenas em nível nacional, mas também na região oeste catarinense. Através desses meios de comunicação, tornou-se possível ampliar o alcance das mensagens e estabelecer uma rede de apoio e engajamento, fortalecendo o movimento conservador e permitindo que suas vozes fossem ouvidas de forma mais abrangente.

²⁵ O slogan “Não é só por 20 centavos” tornou-se um símbolo das manifestações que ocorreram no Brasil em. Essas manifestações, inicialmente organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), começaram como um protesto contra o aumento das tarifas de transporte público. No entanto, as questões rapidamente se expandiram para além do aumento da tarifa e passaram a incluir uma variedade de insatisfações sociais e políticas.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/protestos-dos-20-centavos-revelaram-descrenca-com-o-avanco-da-economia-veja-o-que-mudou-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

E nesse contexto de redes sociais, é relevante acrescentar que de acordo com Tavares e Paula (2015), as redes sociais desempenham um papel não apenas facilitador, mas também gerador da ação coletiva, uma vez que a participação nesse meio propicia o surgimento de novos vínculos e conexões. Em outras palavras, a utilização das redes sociais virtuais como uma estratégia de organização é plenamente justificável para atrair novos adeptos e simpatizantes, reforçando o movimento e diminuindo barreiras. No entanto, é crucial lembrar que, como afirmam os autores, “(...) as ações não se situam apenas no campo virtual e nem se esgotam nele” (TAVARES e PAULA, 2015, p. 12).

Em síntese, com base nas entrevistas foi possível identificar características e princípios do conservadorismo presentes nesses movimentos sociais. As descrições detalhadas fornecidas pelos participantes, mesmo que às vezes tivessem se estendido além do objetivo inicial da pergunta, trouxeram muitas informações que contribuíram para uma melhor compreensão. Ademais, foi possível estabelecer uma relação entre os princípios do conservadorismo junto a esses movimentos, bem como identificar os fatores que impulsionaram sua formação e crescimento. Tal análise proporciona uma base sólida para um entendimento mais abrangente sobre os movimentos sociais conservadores no oeste de Santa Catarina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, o objetivo foi compreender a teoria e as características do conservadorismo e identificar sua influência nos movimentos sociais conservadores abordados. Por meio da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes desses movimentos, se obteve uma visão aprofundada dos fundamentos e das motivações que impulsionam essas manifestações na sociedade contemporânea.

Os movimentos sociais conservadores em Chapecó e região oeste catarinense emergem como uma coalizão de diversos grupos, cada um com suas próprias denominações, mas que compartilham princípios e valores fundamentais do conservadorismo. Tal compreensão só foi possível graças às entrevistas realizadas com os participantes desses movimentos, os quais forneceram relatos detalhados. Esses relatos permitiram a identificação e análise das características e princípios do conservadorismo presentes nessas manifestações.

É importante destacar que as descrições fornecidas pelos entrevistados, mesmo que por vezes estendendo-se além do objetivo inicial da pergunta, foram importantes para a análise, permitindo contextualizar as trajetórias pessoais e os eventos que moldaram a formação dos movimentos. Essa abordagem mais abrangente trouxe uma quantidade significativa de informações que contribuíram para a compreensão desses movimentos e de suas características.

A análise das respostas dos entrevistados evidenciou uma correlação notável entre os princípios fundamentais do conservadorismo e as convicções defendidas pelos movimentos sociais conservadores em questão. A ênfase na preservação da ordem, da moralidade e da tradição cristã, juntamente com a valorização da prudência e a dedicação à instituição familiar, alinham-se de maneira coerente com os princípios conservadores discutidos por renomados pensadores, a exemplo de Edmund Burke, Russell Kirk e Roger Scruton.

Tal análise revelou também que esses movimentos passaram por um processo de evolução, com um início marcado por poucos grupos e posterior crescimento orgânico, sem lideranças centralizadas. Além do mais, as redes sociais, especialmente o *WhatsApp*, foram fundamentais para a formação e a organização desses grupos, permitindo uma maior comunicação e conexão entre pessoas com

valores e ideias afins, o que impulsionou o crescimento dos movimentos não apenas em Chapecó, mas em toda a região oeste catarinense.

No entanto, é fundamental ressaltar as limitações deste estudo, tendo em vista que as entrevistas foram realizadas exclusivamente com os participantes disponíveis para colaborar, os quais estiveram previamente envolvidos na formação desses movimentos. Atualmente, observa-se que muitos desses participantes não estão mais tão ativamente engajados nos grupos. Como resultado, os relatos abrangem principalmente o período entre 2013 e 2019, limitando a obtenção de informações mais detalhadas sobre as ações mais recentes desses movimentos. A decisão de alguns potenciais entrevistados em não participar pode ter impactado a extensão temporal das informações coletadas. Além disso, é crucial destacar que, devido à falta de fontes documentais formais, as entrevistas e as páginas de redes sociais foram as principais fontes de informação desses movimentos.

Mesmo assim, a análise e a discussão temática com trecho das entrevistas foi fundamental para alcançar os objetivos específicos deste trabalho, proporcionando uma base sólida para uma compreensão mais ampla dos movimentos sociais conservadores do oeste catarinense. As características e princípios do conservadorismo identificados nas respostas dos entrevistados reforçam a importância desses movimentos como representantes de uma visão de mundo conservadora e sua influência na sociedade contemporânea.

Porém, é imperativo considerar que a dinâmica política nacional passa por mudanças constantes, e a derrota de Bolsonaro na última eleição pode ter implicações significativas nos movimentos sociais conservadores da região oeste catarinense. O contexto político atual, permeado por transformações e realinhamentos, suscita questões sobre o futuro desses movimentos e a maneira como poderão se rearticular diante dessas mudanças. A possível reconfiguração desses grupos, diante desse cenário, emerge como um ponto crucial a ser explorado em pesquisas futuras.

Em suma, esta pesquisa proporcionou uma melhor compreensão dos movimentos sociais conservadores no oeste de Santa Catarina, revelando os motivos que impulsionam sua existência e crescimento, bem como seus valores e características principais. Assim, almeja-se que este estudo contribua significativamente para o avanço do conhecimento sobre esse tema que é de grande relevância nos dias atuais, fornecendo uma análise que possa servir de referência

para pesquisas futuras. Adicionalmente, espera-se que este trabalho estimule reflexões e debates acerca da diversidade ideológica e das expressões políticas e sociais presentes na contemporaneidade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, Pedro Henrique. **Introdução ao conservadorismo**: conceitos gerais de um pensar político. Burke Instituto Conservador, 2019. Disponível em: <https://www.burkeinstituto.com/blog/conservadorismo/introducao-ao-conservadorismo/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BBC NEWS BRASIL. **Como o conservadorismo se tornou uma das ideologias políticas mais influentes do mundo**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490540>. Acesso em: 15 Jul. 2023.

BELLANI, Eli Maria. **Santos Marinho e Passos Maia: a política no Velho Chapecó (1917 - 1931)**. Chapecó: Litoprint, 1990.

BRITANNICA, Os Editores da Encyclopaedia. **“Resumo de Edmund Burke”**. Enciclopédia Britânica, 14 de outubro de 2003, <https://www.britannica.com/summary/Edmund-Burke-British-philosopher-and-statesman>. Acesso em: 20 de fev. 2023.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982. E-book.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França** [livro eletrônico] / Edmund Burke ; tradução, apresentação e notas de José Miguel Nanni Soares – São Paulo : Edipro, 2019.

CARBONERA, M. *et al.* (Orgs.). **Chapecó 100 anos: histórias plurais** (2a ed. atual.). Chapecó, SC: Argos. 2018.

CASTELLS, Manuel. **Articular mentes, criar significado, contestar o poder**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2013.

CHAGAS, Inara. **Voto Impresso: O que é?**. Politize!, 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/voto-impresso-o-que-e/>. Acesso em: 30 set. 2023.

CNN BRASIL. **O que foi a Operação Lava Jato**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>. Acesso em: 30 set. 2023.

COALIZÃO CONSERVADORA. Facebook: **Coalizão Conservadora**. 23 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/coalizaconservadorasc>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

COALIZÃO CONSERVADORA. Instagram: **coalizaconservadorasc**. novembro de 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/coalizaconservadorasc/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

ELDRIDGE, Estêvão. **"espectro político"**. Enciclopédia Britânica, 2023, <https://www.britannica.com/topic/political-spectrum>. Acesso em: 25 jul. de 2023.

É REALIZAÇÕES. **Roger Scruton**: biografia, livros, filosofia, ideias e frases. 2019. Disponível em: <https://www.erealizacoes.com.br/blog/roger-scruton/>. Acesso em 26 fev. 2023.

ESCOLA EDUCAÇÃO. **Escola sem partido**. Escola Educação, 2023. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/escola-sem-partido/>. Acesso em: 30 set. 2023.

FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James Luiz. **Agroindustrialização e urbanização de Chapecó-SC (1950 – 2010)**: uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. Redes. Revista do Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, p. 187-215, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552056833011>

GARMATZ, Diogo Mateus. **"Reflexões Sobre a Revolução na França."** Recanto das Letras, 27/12/2019. <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/6828369>. Acesso em 10 de maio de 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo - SP, Edições Loyola, 1997. E-book.

GONZÁLEZ, R. S.; BAQUERO, M.; GROHMANN, L. G. M. **Nova direita ou vinho velho em odres novos?** A trajetória conservadora no Brasil do último século. Revista Debates, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 9–44, 2021.

GRUPO CONSERVADOR CATARINENSE. **G2C**. Disponível em: <https://g2c.adm.br/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Resultados da busca por: **Chapecó**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=Chapecó>. Acesso em: 8 jul. 2023.

KIRK, Russell. **A Mentalidade Conservadora**: de Edmund Burke a T. S. Eliot. – 1. ed. – São Paulo: É Realizações, 2020.

KIRK, Russell. **Breve Manual de Conservadorismo**. Edição do Kindle – Editora Trinitas, São Paulo. 2021

KRITSCH, R. (2011). **Política, religião, revolução e soberania em Reflexões sobre a revolução em França do conservador E. Burke**. Revista Espaço Acadêmico, 11(123), 68-83. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14272>

LAPORTA, Taís. **Protestos dos 20 centavos revelaram descrença com o avanço da economia**; veja o que mudou até agora. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/protestos-dos-20-centavos-revelaram-descrenca-com-o-avanco-da-economia-veja-o-que-mudou-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 22 out.2023

McCLAY, Wilfred M. Introdução. In: KIRK, Russell. **Breve Manual de Conservadorismo**. Edição do Kindle. Editora Trinitas, São Paulo, 2021.

MOVIMENTO LIBERAL CONSERVADOR. Facebook: **MovLiberalConservador**. junho de 2017, Disponível em: <https://www.facebook.com/MovLiberalConservador>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

MOVIMENTO MARGARET 30. Facebook: **Movimento Margaret 30**, 27 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/MovimentoMargaret30>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

MULLER, J. **Conservatism**. In: ZALTA, E. N. (Ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2019 Edition). Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2019. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/conservatism/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

NISBET, Robert. **O conservadorismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

O'BRIEN, C. C. (1982). **Introdução: O manifesto de uma contra-revolução**. In: BURKE, E. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, pp. 3-45.

OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. 6ª edição. Editora Âyniné, 2020.

OLIVEIRA, F. M. (2022). **O conservadorismo brasileiro: surgimento e atuação de movimentos sociais conservadores**. Open Science Research III, 3. <https://dx.doi.org/10.37885/220308136>

PARKIN, Carlos Guilherme. **Edmund Burke**. Enciclopédia Britânica, 14 de fevereiro de 2023, <https://www.britannica.com/biography/Edmund-Burke-British-philosopher-and-statesman>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

PORTAL CONSERVADOR. **Russell Kirk**. Disponível em: <https://portalconservador.com/russell-kirk/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

RADIN, J.C., and CORAZZA, G. **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense**. Chapecó: Editora UFFS, 2018.

REAÇAS CHAPECÓ. Facebook: **Reaças Chapecó**, 15 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/769123919782168/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

RODRIGUES, Márcio Luiz; NEUMANN, Rosane Márcia. **Colônias e colonizadoras na região Oeste de Santa Catarina**: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil (1925 a 1950). Chapecó: Argos, 2007.

RUSSELL KIRK. **Ecclesiae**. Disponível em: https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=109. Acesso em: 26 fev. 2023.

SAGAN, Carl. **Pálido ponto azul**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo** [recurso eletrônico]: um convite à grande tradição. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo**. Tradução Guilherme Ferreira Araújo. 1. ed.- São Paulo: É Realizações, 2015.

SILVA, Claiton Márcio da; HASS, Monica. **“O Oeste Catarinense não pode parar aqui”**. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v.9, n.21, p.338-374. maio/ago. 2017. DOI: 10.5965/2175180309212017338 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180309212017338>.

SOARES, Nanni. 2019. **Introdução**. Em BURKE, Edmund. Reflexões sobre a Revolução na França (p. 7-21) [livro eletrônico] / Edmund Burke. São Paulo: Edipro, 2019.

TAVARES, Wellington; PAULA, Ana Paula Paes de. **Movimentos sociais em redes sociais virtuais**: possibilidade de organização de ações coletivas no ciberespaço. v.4, n. 1. Bahia, Brasil: [s.n.], 2015. p. 213–234.

TERRA. CPI da Lava Toga: o que é e qual seu objetivo. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/cpi-da-lava-toga-o-que-e-e-qual-seu-objetivo,3d26d9131177aa3988413acd9bc7ee44gcxkzohf.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

VELASCO e CRUZ, S., KAYSEL, A., CODAS, G. (organizadores). **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2015.

VIERECK, Pedro; MINOGUE, Kenneth; ADAGA, Ricardo; BOLA, Terence. **Conservadorismo**. In: Enciclopédia Britânica. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/conservatism>. Acesso em: 25 jul. 2023.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.

WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais**. Tradução de Artur Morão. Textos Clássicos de Filosofia. Direção da Coleção: José Rosa & Artur Morão. Design da Capa: António Rodrigues Tomé. Composição & Paginação: José M.S. Rosa. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2010.

WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e Ocupação do Espaço no Oeste Catarinense**: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó: Argos, 2006.